

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JANEIRO DE 1901

N.º 47



LUCIANO CORDEIRO

SECRETARIO PERPETUO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Fallecido em 31 de Dezembro de 1900

LUCIANO CORDEIRO

Poucos dias antes de ser ferido mortalmente pela terrível molestia que o arrebatou a sua familia, aos seus amigos e á patria, ainda nós o vimos no seu gabinete da Secretaria do Reino sereno e activo, dando expediente aos negocios e recebendo as pessoas que o procuravam sobre assumptos variadissimos.

Já então elle andava com um ataque de gripe, de que não fez muito caso e ia levando de pé, mas que lhe foi talvez dispondo o organismo para receber o ataque certo do mal que o prostrou.

Luciano Cordeiro pouca attenção dava á sua saude; e como a quadra ia correndo fria e humida e elle não procurasse ter o minimo resguardo, pois antepunha a tudo a ancia dos trabalhos a seu cargo que o absorviam todo, foi vencido na lucta desigualissima que travara e foi victima do dever cívico com que sempre honrou esta terra.

A noticia da sua morte, que se espalhou rapidamente de bocca em bocca por toda a cidade, como um choque electrico, a todos magouo profundamente e em todos deixou um vacuo e uma saude verdadeira, sincera e sentidissima. Raras vezes a morte de um homem da sua categoria social, deixará no publico uma tão vehemente impressão e será tão geralmente pranteada como foi e está sendo a d'este nosso desditoso amigo.

Luciano Cordeiro, dotado de uma robusta organisação physica e de uma intelligencia clarissima, lucida e muito ornada, tinha uma rara actividade, uma grande força de trabalho e poderosas faculdades de obreiro incançavel, de patriota crente e de organisador corajoso, que só olha ao fim nobre que se propoz e que nenhum apreço dá ás criticas zumbidoras dos invejosos. Mais de uma vez, muitas vezes, esses invejosos procuraram — apenas animados de instinctos malevolos — desgostar o luctador que ia seguindo o seu caminho; mas elle nem se detinha a encara-los, avançava sempre. Invejosos, detractores, só os tem os homens de grande merecimento, e como Luciano Cordeiro tinha merecimentos verdadeiramente excepçoes, não podia faltar-lhe o cortejo de tão vil cohorte.

Luciano Cordeiro era um portuguez de lei, que trabalhou muito e muito bem para a honra e lustre do seu paiz, cá dentro e principalmente lá fóra. Cahi agora inesperadamente para sempre e levanta-se na historia patria como um vulto distinctissimo que lhe pertence e que a hade ainda illuminar com um sulco brilhante e perduravel.

Ha homens que não chegam em vida a ser completamente comprehendidos na sua terra, mas a quem um dia a posteridade vem a fazer justiça. Felizmente para o nosso saudo morto e tambem para os seus conterraneos, não faltaram em Portugal, e principalmente no estrangeiro, apreciadores dos seus meritos não vulgares e respeitadores dos seus vastissimos conhecimentos e dos seus distinctos serviços. Luciano Cordeiro era tão conhecido aqui como lá fóra, mantendo com muitos homens eminentes de sciencia da França, da Alemanha, da Inglaterra, da Italia, da Russia, etc., uma enorme correspondencia que muito engrandeceu de certo os bons creditos e o bom nome do nosso paiz.

Em toda a sua vida, que não foi longa, trabalhou Luciano Cordeiro com desvelado e inextinguivel zelo. Foi jornalista vigoroso e de lucta, tanto em assumptos politicos, como scientificos, sociaes e litterarios, escriptor de mais largos e seguros vãos, publicando livros que hão de sempre ser lidos e saboreados, orador de palavra facil e persuasiva, tanto em assembléas parlamentares como em associações de outra ordem, burocrata respeitado e probó, etc., etc.

A sua mais querida e agradavel occupação que o desvelou durante vinte cinco annos consecutivos foi, porém, a de fundador e principal dirigente da Sociedade de Geographia de Lisboa. Esta benemerita Sociedade, que a elle deve todo o alento inicial e grande parte do impulso que em todos os tempos foi gradualmente recebendo, é hoje uma das

mais cultas e douts aggremações scientificas congeneres da Europa, tem divulgado extraordinariamente os conhecimentos geographicos geraes e especialmente os coloniaes, na nossa terra, tem tomado uma ousada, patriótica e rutilante iniciativa na celebração de alguns centenarios de individuos e de factos historicos gloriosos do nosso pequeno paiz, coordenou, methodisou e apresenta em suas salas, sob a forma mais atrahente e entusiasmadora que é possivel, um riquissimo museu colonial que tem merecido rasgados elogios a todos que o visitam, tem estudado em todas as suas variadas ramificações e agrupamentos de especialistas pontos concretos de colonisação, climatologia, expansão commercial, etc., tem formulado instrucções para colonos, para expedições scientificas e outras, e tem concorrido nos ultimos dez ou quinze annos pelo menos, mais do que outros quaesquer elementos, para que se vá perdendo o medo aos climas tropicaes das nossas provincias ultramarinas, e para que aquellos feracissimos paizes vão sendo gradualmente desbravados, conhecidos, explorados e utilizados para a mãe patria, que tão grandes sacrificios com elles fez durante tantos annos!

Pois toda essa foderosissima acção revolucionaria e benefica que a Sociedade de Geographia se attribue e que a ella é sem duvida devida, nasceu quasi que na sua totalidade, dos intelligentes esforços, da sabia direcção e do vehemente e caloroso agasalho que pelo nosso desditoso amigo lhe eram dados. E elle que era a alma, o cerebro e o braço de tão benemerita Sociedade, mantinha-se modestamente occulto no seu logar de secretario, que lhe permitia trabalhar incessantemente, embora não lhe dando a elle pessoalmente um logar de brilho superior. O que elle queria é que os resultados fossem efficazes e bons; de resto as glorias que d'ahi possedes advir, que as recebesse quem quizesse, porque elle bem recompensado se achava com a voz da sua consciencia e com o engrandecimento da nobilissima causa patriótica que estava servindo desinteressada e convictamente.

O verdadeiro valor de certos homens não é cabalmente comprehendido senão depois d'elles deixarem de existir. Luciano Cordeiro está n'este caso, porque só agora o paiz avaliaria a grande falta que lhe faz aquelle seu preclarissimo filho.

Bem sabemos que ninguém é indispensavel n'este mundo; mas o que podemos afirmar é que a grande individualidade do secretario perpetuo da Sociedade de Geographia, que tão grande vacuo deixa em torno de si, só muito difficilmente virá a ser substituida. Não quereriamos ser pessimistas, mas affigura-se-nos que a Sociedade de Geographia sem Luciano Cordeiro deixa de ter a robusta vitalidade que a distinguia e hade necessariamente definhar e estio-lar-se.

Dissemos no principio d'este escripto que viramos Luciano Cordeiro poucos dias antes de morrer; pois foi a ultima vez em que tivemos a ventura de apertar aquella honrada mão.

Luciano Cordeiro nunca escreveu para esta Revista; mas tendo chegado á nossa mão uma curiosa photographia de uma inscripção historica interessantissima encontrada no Zaire, fomos pedir-lhe que fizesse um artigo descriptivo para a acompanhar. Esse artigo, esse precioso manuscrito, o ultimo de certo folego que elle escreveu em sua vida, publicamo-lo n'este numero, inaugurando-se e terminando por esta forma a sua ephemera collaboraço! Boa inspiração tivemos em lhe pedir tal artigo, para assim podermos recolher agradecidos á sua memoria as suas ultimas palavras escriptas.

Paz á sua alma!

AUGUSTO DE CASTILHO.

Seu possível sombra de dúvida:

Alvaro Pires Pedro Escolar

Um, o primeiro, representa, naturalmente, outra dynastia de aventureiros do mar, como o Grande Pires, do grande Infante, o que andou com o Langarote, o que fez a ruda no Rio do Ouro (1447).

Pedro Escolar que é vulgar chamarem Pedro Escobar e Pedro Escovar, foi mais feliz e deixou memoria e fama até nós. Em 1470 era cavalleiro da Casa do Rei, e ao serviço de Fernão Gomes ia na conserva de João de Santarém, com mandando uma caravela, á descoberta da Mina. Pilotava-o, então um mestre, o afamado Alvaro Esteves. Fez-se em boa escola.

Não sabemos, — sabemos-o agora, — que foi com Diogo Cão.

Que qual viagem?

Talvez nas duas. Com certeza nesta do Iellialá que deve ter sido a segunda, a de 1484-1486.

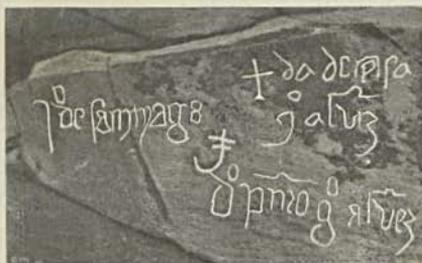
Voltou ao Zaire na expedição de Gonçalo de Sousa, ou melhor de Ruy de Sousa em 1489, vendo talvez novamente o Iallala, pois que essa expedição fez, do Congo, uma campanha em auxílio do grande regulo africano, — do Rei convertido, — para aquellos lados, para cima mesmo da Iallala.

Em 1497 partiu Pedro Escolar na armada do Gama á descoberta da India. Era o piloto do *Berrio*, sob o commando de Nicolau Coelho. Mas lemos dois nomes, e tinhamos annuenciado tres.

E' que sob a firma de Alvaro Pires ha esculpido um A certo não'n uma das hastas, inferiormente, que não cremos que seja uma repetição abreviada dessa firma, mas antes á abreviatura de outro nome. O corte parece-me indicar redunancia da inicial. Que tentação de ler, por exemplo: *Alfonso d'Alvarez*, o João Afonso de Alvarez que em 1486 chegava da Lisboa trazendo noticias e enviados de Bená! Nestas cousas é porem indispensavel fugir de tentações ou de leituras aventureiras.

Ha all um nome, uma firma: mas por era não podemos lê-la; não sabemos de quem seja. Não? — abandonemos o terreno seguro, certo.

III. Na terceira pedra, inferiormente ás duas anteriores, vemos-se evidentemente esculpidas ainda, com a mesma feição graphica:



J.º DESAMTYAGO
D.º P.º N.º E.º
G.º ALVEZ!

Claramente: *João de Santiago — Diogo Pinheiro — Gonçalo Alvares.*

Serão os mestres dos navios? Todos estes nomes nos soam como de gente conhecida, mas é claro que facendo uma noticia apenas, não um trabalho de investigação exhaustivo, não podemos desde logo acertar com perfeita segurança na identificação de todos os nomes. Contentemo nos com podermos assegurar a sua ligação, a sua coexistencia authentica na inscripção ou relativamente ao facto que esta ultima quiz registar e memora. A unidade documental da leitura feita é que não nos cederá duvida.

João de Santarém é nome conhecido. Foi o piloto do transporte de mantimentos na expedição de Bartholomeu Dias. Mal regressára, então, da expedição de Diogo Cão que delára até ao Cabo da Cruz e partiria com o successor daquelle a continuar dali a descoberta.

Gonçalo Alvares tambem não é um desconhecido. Foi o mestre da *São Gabriel* na descoberta da India.

Li, nem me lembra onde, que D. Manoel arredara e desdenhara aciosamente os loizes do mar de D. João II. Havemos de liquidar um dia a malevolencia que anda intrigando muitos espiritos ingenuos e facéis, com uma lenda pseudo-erudita profundamente odiosa e injusta contra o Rei Venturoso.

Mas voltando ao nosso assumpto: esta terceira pedra offerece nos um problema novo, de insignificante valor, evidentemente, mas que não deixa de importunar desgradadamente o nosso empenho de uma leitura integral.

Ha nessa pedra, no espaço deixado livre pela inscripção dos tres nomes citados, traços sotilmente visiveis, de signaes e letras de typo aproximado, mas em todo o caso differente, que por apagação ou mal reproduzidas não poderemos ler com segurança, e por essa mesma diversidade de typo e de fabrico, pois que não são firmes e fundamente cavadas como as outras, não podemos considerar incluídas no fazendo parte na nossa inscripção. Um grupo dessas letras, a bem dizer de grosseiro cursivo, diz sem duvida

J.º alvez

João Alvares

Percebe-me evidente que se tracta de uma outra inscripção, certamente muito antiga tambem, do mesmo seculo até, mas que em nada affecta a principal, a nossa. Se nos restar tempo por que alguma nossa reprodução photo-graphica nos habilite a satisfazer n'esta parte a natural curiosidade que o facto desperta.

Em tempo: como se costuma dizer na ampliação rectificativa de certos documentos. Encontrando na dias Auguste de Castilho, e, em natural expenso de estudioso para estudioso que alegremente se commoçam trabalhos que

egual e amorosamente lhes interessam, contando-lhe o caso de ter finalmente podido saber o que era e o que dizia o «padrão» de Iellala, com a feliz circumstancia de ter de o incluir nas minhas reconstruções da memoria de Diogo Cão, lembremo-nos o illustra official e meu velho amigo de que annos passados, ahí por 1893, lhe fora offerecido por Lafontaine Vervey, um gerente da feitoria hollandezza em Banana, tres provas photographicas que lhe dera em 1890 um missionario norte-americano, Mr. Lewis, que andara no Zaire. Retratavam precisamente a inscripção de Iellala.

A seu irmão, o illustra antiquario que todos conhecem, recorreu Augusto de Castilho para que procurasse decifrar a inscripção. Naturalmente, o sr. Visconde de Castilho lê-ra-a, como eu a lei, nas duas primeiras pedras. Na terceira, porém, lendo igualmente os nomes de *João de Santiago, Diogo Pinheiro, Gonçalo Alvares*, mas procurando decifrar os signaes e letras de feição differente a que acima me refiro, e que na sua photographia, mais accentuados do que na minha se acham, quer porque essa photographia melhor os fizesse, quer por que elles, então, menos apagação estivessem, entendeu que poderiam restituir-se assim:

† DAD'OSA

J.º ALÉZ

lendo-se:

Falleceu da doença
João Alvares.

Entre estas palavras e os nomes de *Diogo Pinheiro* e *Gonçalo Alvares* havia ainda um signal semelhante a um J das duas vezes costado que se supoz ser uma cruz dupla e poder ler-se por — *falleceram*.

Devia-se requisitar isto, evidentemente, mas devo tambem dizer que considero mais engenhosa do que segura tal leitura, mais me convencendo, de resto, a photographia do missionario americano, de que este grupo de signaes e letras, a bem dizer rasgados e não esculpidos na pedra, anda sem com a inscripção inicial, constituindo, quando muito, uma inscripção ou memoria independente.

A primeira formula interpretativa, e mais ainda a segunda, de fallecimento de um e de mais de um homem, considero-se muito duvidosas epigraphicamente: a segunda, então parece-me até insustentavel porque o signal respectivo não é evidentemente uma cruz, além de que um dos supostos averbados de fallecidos, o *Gonçalo Alvares*, da inscripção inicial, não falleceu ahí nem ao tempo della. A verdade é que desta segunda inscripção só pôde ler-se com segurança a firma de *João Alvares*.

Quer dizer: outros depois dos primeiros, e proximoamente delles, estiveram no Iellala. Mas não sabemos já que a expedição de Ruy de Sousa andou naquellas partes, e que já em 1536 encorria do Gonçalo Manuel Pacheco que se tratava de fazer dois bragantins acima *duquelle quebrada que o rio tem para se dar avoimento a se dalá tr descobrir o Logo?*

LUCIANO CORDEIRO.

Lisboa, 29 de dezembro de 1900.

S. R.

Este artigo — o ultimo do illustra escriptor, foi escripto tres dias antes de fallecer.

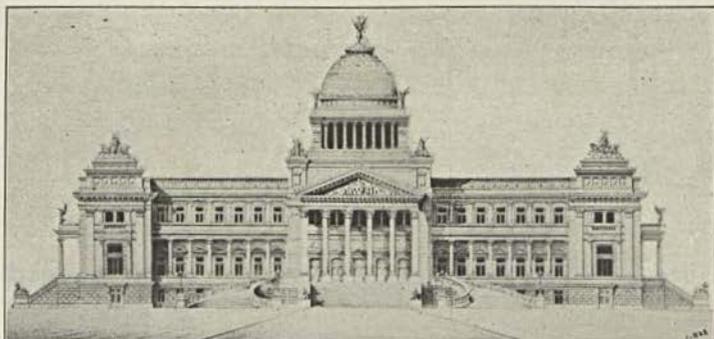


Typo de belleza



A bella Otéro

O Novo Palacio do Governo do Estado do Amazonas



Manaus — O novo palacio do Governo, em construcção

UMA das obras que mais se deverá impôr á admiração dos que visitarem Manaus, será, sem duvida, o edificio destinado ao Palacio do Governo, actualmente em construcção. O projecto grandioso, elegante e de correctissima architectura, foi elaborado pelo engenheiro italiano Felinto Santori, ha annos residente no Brasil, onde tem executado trabalhos de grande valor, nos quaes revela sempre a sua competencia technica e o seu apurado gosto artistico.

O nome do actual governador, dr. Silverio Nery, ficará ligado a este grande melhoramento, que attestará mais uma vez a civilisação do Povo Amazonense.

Na organisação do projecto, o engenheiro Santori, bem mostrou saber conciliar as tradições da velha Arte com as exigencias do meio e da civilisação do nosso tempo. Como concepção architectonica, o Palacio do Governo do Amazonas terá a imponencia das construcções Romanas, lembrando nos detalhes a sublimidade grega. Uma cupula bem proporcionada em relação á massa geral do edificio, e que se impõe logicamente pelas exigencias da planta, completa harmonicamente a mole grandiosa da construcção. Como ordem architectonica predominam o Corinthio e o

Dorico, este classico e aquelle verdadeiro Renascença. O Jonico gracil e delicado, foi quasi exclusivamente empregado na decoração. Completamente excluido o arco, forma typica da architectura romana, foi adoptada a architectura de linha recta, figurando a columna como elementos de apoio, com a forma grega.



Engenheiro Felinto Santori
Auctor do projecto e director tecnico das obras da Real Academia de Napoles

Na grande escada central, duas bellas estatuas symbolisam a União e a Justiça. No frontão central, um alto relevo representa a Republica protegendo as Artes e as Industrias. Encimando a cupula, a estatua da Liberdade sustenta um grande foco de luz electrica.

Ainda no corpo central, além de outras estatuas secundarias, notam-se duas symbolisando a Lei e a Força.

Nos dois corpos extremos o carro de Apollo.

O magnifico edificio occupará uma area de 4784 metros quadrados, e consta de um porção com tres metros de altura e dois pavimentos tendo o primeiro sete metros de pé direito e o segundo cinco metros e oitenta centimetros.

Na distribuição interna attendeu-se a tudo quanto o conforto e os modernos aperfeiçoamentos indicam, e de accordo com as exigencias do clima.

A direcção technica das obras está a cargo do illustre auctor do projecto, engenheiro Felinto Santori, tendo como 2.º engenheiro o nosso compatriota José Augusto Prestes, que entre nós, quando socio da Empresa Fabril Augusto Prestes & C.ª, dirigiu trabalhos de bastante importancia.

A bella edificação que fará o orgulho dos Amazonenses, será certamente, pela sua magnificencia, uma das mais bellas do Brasil e um titulo de gloria para o grande patriota que actualmente dirige o prospero Estado do Amazonas.



José Augusto Prestes
2.º Engenheiro das obras



OS MORTOS

Triste e moço...



Marquês de Castello Melhor

D. Helena do Santissimo Sacramento de Vasconcellos e Sousa, era senhora da casa de Ponte de Lima e Villa Nova da Cerveira, descendente directa do celebre Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brasil. Deixa uma filha que é hoje pelo seu matrimonio Viscondessa da Varzea, e é o filho d'esta illustre senhora, cujo retrato demos no nosso Numero Extraordinario dedicado ao IV centenario do descobrimento do Brasil, o menino D. Bernardo Manoel, o representante do grande portuguez.

A marquês de Castello Melhor era um senhora bondosissima, cuja morte repentina produziu grande impressao não só na alta sociedade, como nas classes desvalidas que ella protegia modesta, mas efficazmente. No seu funeral viam-se muitos pobres chorando.



Augusto Gomes Ferreira

Subitamente, quando estava ainda na força da vida, uma congestão cerebral fulminou este illustre e sympatico rapaz, capitão de engenharia, lente da Escola do Exercito, e inspector dos incendios em Lisboa. Fora um estudante distincto, revelando sempre grande intelligencia nos seus estudos, intelligencia que mais tarde o havia de elevar a lente da Escola militar superior. Corajoso e destemido na hora do perigo, elle, chefe d'esse grupo brilhante de bombeiros que são o assombro da audacia nos seus trabalhos prodigiosos, dirigia com notavel sangue frio o ataque, e nunca — elle que podia gosar ainda, tranquilla e serenamente, a boa fortuna que possuia — deixava de comparecer, fosse a que hora fosse, onde o dever do seu cargo de tão grande responsabilidade o chamava.

O seu funeral foi uma imponente manifestação da sympathia que lhe dedicava a melhor sociedade de Lisboa. A pé, acompanharam-o os seus subordinados que muito o estimavam.

Tamanha dôr, que inflicidade!
Que ar de amargura e de saudade...
Que é uma creança ninguém diz!
Causa-nos dô tamanha dôr...
Por trinta leguas em redor
Não ha ninguém mais infeliz!

Agua da fonte, agua da fonte
Corre depressa lá do monte
E vem-lhe as chagas refrescar!...
Oh! pobre Job das gangrenas...
O meu poeta tem mais penas,
Tem mais desgraças que contar!

Triste homemsinho sem amada,
Longe da terra sem ter nada
Pala d'amor ás noites negras!...
Guarda p'rá campã os teus abraços
Que sobre a ancã d'esses braços
Nunca pousaram-toutinegras!

Foi-se da terra a viajar,
Por sobre as aguas d'esse mar,
Louçar a Deus de Immenidão;
Mas lá no brigue onde embarcou
Tudo perdeu, pois naufragou.
Só não perdeu seu coração?!

Mas certa noite finda a ceia
Ao dar um giro pela aldeia,
Ai! que olhos lindos que elle viu...
E o coração que elle trouxera
Lá lhe ficou n'uma chimera,
Seu coração lá lhe fugiu!

D'então p'ra cá poz-se tão triste
Meu coração, que bem n'o viste,
Tu bem choraste ouvindo os mais
Que iam dizendo: tem mania,
E' doído e chora todo o dia,
E' um chafariz, deixai-o em paz!

Menino e tem cabelos brancos!
Eil-o lá vae pelos barrancos
Aonde irá! Leva bordão...
Oh! almas santas que amargura!
D'aqui a pouco é noite escura...
Ai! de quem perde o coração!

Tamanha dôr que inflicidade!
Que ar de amargura e que saudade
Que é uma creança ninguém diz!
Causa-nos dô tamanha dôr...
Por trinta leguas em redor
Não ha ninguém mais infeliz!

AMANHÃ

Damos hoje, no trecho que segue, a primeira do novo romance de Abel Botelho, prestes a sahir do prelo, AMANHÃ, o terceiro dos seus trabalhos sobre pathologia social. Este romance é um largo estudo dos costumes e aspirações do nosso meio social, e é seguramente tambem aquelle em que, tanto pela intencão como pelo estilo, mais completas e exuberantes se encontram as poderosas facilidades do escriptor.

No dia seguinte, — domingo, — logo de manhã, um bulicio e animação fóra do habito galvanisavam o penitenciario corredor da *ilha do Grillo*. Não parecia a mesma estercoral catacumba a céu aberto, de ordinario jorrando, nas cinzas albeintas da manhã, filamentos de farrapos vivos; marmasada depois n'um silencio manante de tristeza. Pelo contrario, o que quer que era de leve e esturdio remoçava a sua lazareta escurido. Corriam no ar delgado e fresco invocações patuças, galrejos créspos de alegria. Das portas entreabertas sahia um bafo de podridão que repousa; e fóra, cochiladas no degrau da soleira, de avental branco á frente, o nariz e o queixo no regaço, as mulheres alisavam com volupia o cabelo, passando-lhe o pente desde a raiz da nuca. Algumas, n'esta inercia crepuscular dos anesthetics, somnoleavam. Outras catavam-se. A's janellas dos primeiros andares apontavam, e farriscavam de regalo o céu, vultos barbados de homens, esticando a camisola, abotoando o collarinho e os punhos sem gomma, da camisa lavada. De dentro, um toque instantaneo, de vidros chocando-se nos farneis, vinha e cortava em limpidas estrillancias o afinar banzeiro das guitarras. E, em sóla camaradagem com as galinhas, os garotitos, impacientes, esgaratjavam na terra humida, sem ouvidos aos ralhos das mães, que colhiam á pressa a roupa suspensa das cordas.

O dia amanheçera realmente um incanto, de uma pacificação dominical, acariciadora e cantante. Verdadeiro dia de outomno, os musculos, aquecia os corações, clareava em alentos de confiança o espirito. Um poetico bucolismo invadia a Natureza. Balsamicas emanações vinham das arvores, ainda polychromadas de fructos, a terra cheirava a fresco, as aves passavam devagar, eram immoveis os penachos das graminas séccas na beira dos telhados. Não chegava a attingir os outeiros das margens, o seu fraco poder de expansão antes perdido na seriedade diaphana do ar, a tenue brisa que em baixo, como um grande manto rizzo de prata, frisava as aguas do Tejo. E, parcamente filtrada por uma esgarçada trama de nuvens de opala, debruadas de cobre, a luz do sol era repousada e discreta como convém que seja a vida do homem, passante dos quarenta annos.

O primeiro a sahir de casa em demanda ao campo foi o *Manoia*, levando á illhaga a mulher e a filha. Elle estrevia uma blusa nova, de ganga azul, grandes algeibeiras e botões de osso, e do lustro sebo da boina tafumam com arrogancia os anneis do seu cabelo grisalho. A mulher, em corpo, toda cachaco e abdomen, levava as mãos tomadas por um pequeno cabaz e uma sacca de retalhos de chita, com comida. O rosto de cera da filha, esse quasi totalmente desaparecia embocado n'um grosso lenço de malha de lã, da mesma deslavada cor do seu nariz gretado; ao passo que tambem lhe envolvia e empapava as formas sumidas um amplo chale, russo e mortico como a fria cinza dos seus olhos.

A rapariga, nos primeiros segundos de transição brusca da voluntaria penumbra, a que em casa se votava, para a franca luz do exterior, teve uma contractilidade hostil por todo o corpo e avançou n'uma hesitação, com as palpebras franzidas. Ao que logo, aspero, o paé:

— Que é isso? ... Abre os olhos, minha pitocca!

Elle porém vibrou novamente, como que n'um arripio friorento, retrahida a expressão n'um esgar de desgosto, e coseu-se com a mãe, sem responder.

E o paé outra vez:

— Torces-me o focinho, minha lésma?... Pois olha, se te não agrada, volta p'ra tra!

Mas a resinga não proseguiu, porque vinham adherindo ao grupo os conhecidos.

Mal chegavam estes ao extremo da *ilha*, quando no extremo opposto já assomava tambem com seu folgaceiro bando o *Todo dos Unguentos*, mal'a amasia e uma chula sociedade de rascoeiros em fêrias, espertos matulões e gandaeiras baratas do amor. Entre estas a *Bandeirinha*. — Pinchavam de tropel á frente os galeiros, guereando, coucinhando as portas, marchava depois ao centro, no logar de imoportunidade, o João, feliz, dominador, de jaqueta e cinta, delidando com arreganho o cavacinho, rolando ao alto os olhos lascivos, a emmanhada gafeira ao vento. Trazia, inseparavel, ao lado a amiga, mais alta do que elle, tomando-lhe com imperio o braço, grandalhona virago de feições duras e olhos felinos, farta grenha frisada e mantilha acolchetada sobre a capa, muitos anneis, cigarro na bocca. E fechava o estridulo rancho a malta de mariolas derrengues e callejões proletarios, em promiscua sucia com as *maricóllas*. Tudo isto folgava e cantava, na mais sóla imprudencia, mas n'uma como que jubilação á sobreposse, em forçados arrancos de prazer, em epilepsias de salto esfusando n'um fundo immanente de tristeza. A sua petulante estor-

peada resultava nos pardieiros encardidos da *ilha* em ingratas resonancias, acordando-lhe os echos preguiçosos; de banda a banda, grossa gente alluia a encorporar-se; e das janellas debruçavam-se bustos complacentes de velhinhas, anediando o dorso aos gatos amesendados nos parapeitos.

Foi quando, entre os que no atasqueiro betuminoso da rua paravam, cruzando o palheiro bando, viu a *Bandeirinha* o desampeno ardente do Ventura; e logo n'um internedio alvoroco, afoguada, fez por passar junto d'elle, acotovelou-o e premiu-lhe o braço, fazendo-lhe praça ao lado, n'uma incidenda mirada supplicante. Ao que o rapaz, n'um succidido desdem:

— Larga!

E arredou-se. Mas, ao contacto d'aquella creatura de peccado, os labios mascaram-lhe de instincto, e, sem que ella visse, ficaram-lhe os grandes carbonculos dos seus olhos seguindo o balanceio das ancas rolichas, n'uma saudade concupiscente.

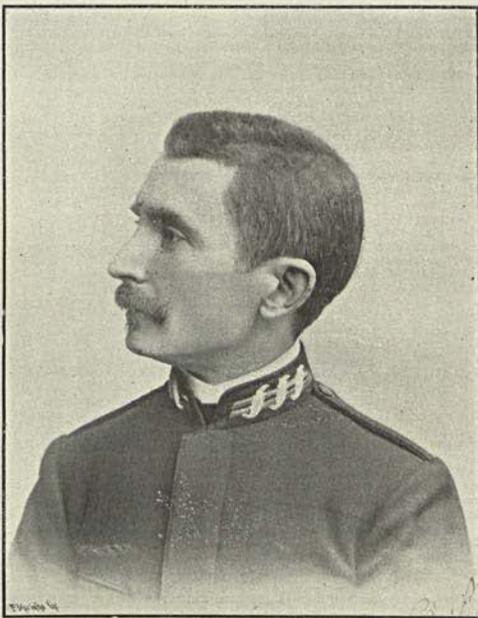
Tambem, ao passarem á porta do Silverio, logo uma das mulheres d'este, na suggestiva impulsão do rebolico, saltou zorata á porta, pondo atabalhoadamente a capa. De repente, mirando-se:

— Está bom... tenho hoje algum presente! Puz a capa do avêso.

E, rindo muito, corrigia o disparate, etaquanto commandava para dentro:

Aviem-se!

Porque a varava familiarmente um dos do rancho com sua impetiva visagem de ternura.



ABEL BOTELHO

Agora, na volta para a *villa Dias*, alcançava a gente do João o deanteiro grupo do *Manoia*, lá então o farrancho engrossado por uma nova estratificação de probeirones, pelo surrampono escumalho da officina e da viella, pela farragem miuda de todo o lixo social. Uns e outros pararam, houve larga copia de saudações, — alcunhas cruzando-se no ar, pernas gingando, braços ao alto; interrompeu seu brejeiro fandango o João, para apertar as mãos ao Adelino, e ao Lourenço da fabrica das Varandas, que accorreram ao som da esturdia; e entretanto de todos os lados liguras curiosas vinham e abriam olhos de pucaro para o grupo estabárda, entre elles os phylarmonicos mólhados á porta da séde do cirio civil, e um rustico de cara meo ensaboada á porta do barbeiro.

Postos de novo em marcha, atravessaram a linha ferrea, desceram a ingreme ladeira ao norte, de tropel, uns pela curva cega do atalho, outros fazendo gemer sób a brocha dos sapatos, para evitarem o lamçal, o gordo balsamo dos talões: depois serpearam um instante, n'um collezar desordenado, ao longo do valle de Chellas, flanqueando alvenarias sujas, sumindo-se na desmantelada bisarima do convento, reaparecendo mais além, linearmente, pelo escaqueado recorte dos quintaes, hortas, pomares inquadrados em silvedros; e ell-os que finalmente escalam, atacando a direito as terras, a encosta em frente, e estendem agora pelo absconso declive uma esfarrapada e morosa toa-

lha humana, a que fica fazendo rodapé a folhagem amarelenta dos vinhedos. E elles ahí lentamente se dispersam, em improvisados bivaques, em soltos grupos de occasio, buscando velhos abrigos cobertos; elles ahí rolam em tocca pedras, formam circulo nos sociaes naturaes, ou estão de posse das clareiras onde os marnes, aflorando, fazem o piso mais enxuto.

Por toda a redondeza do sitio, áquella hora, se desenhava este pelintra exodo domingueiro e ia a mesma tropeda cantante pelos caminhos. De toda a parte ranchadas rompiam de gente mesclada e fruste, devastados arcaçois, cadavericas faces em ruina, n'uma avida insalubre erguidas a qualquer problematica hypothese de prazer. Iam no desgarrar, ao acaso, n'esta allucinada ancia travando o chouto ás carroças, batendo os pardais das moitas, de estuadiada cortando o silencio tumular das casitas isoladas. Os pequenos fugiam com medo, os cães ladravam-lhes. Era a caça ao goso, jorrando ás lufadas. Era o legitimo appello sensual, afflictivo como o tragico aferro d'um moribundo á vida, d'essas muitas centenas de miseraveis, ali inexoravelmente consumidos, agrihoadas victimas em holocausto ao Moloch industrial, amaldiçoada carne alimentando a multidão de fabricas que n'um resfolego oppressivo e triste estrangulam este arrabalde da cidade. De forma que, por volta do meio dia, na extensão de uma boa dezena de kilometros, do Ariseiro por Marvilla a Cabo Ruivo, não havia atalho que á epicurea invasão não estremeceesse, não havia azeitnha cujos valleirados flancos não sacudisse a mesma embriaguez doentia e famulenta. — Mas, tambem, como o agudo riso de todos elles tristemente se casava com a atonia crepuscular do céu, com a desbotada sépia dos outeiros, com a mediocridade anemica da paisagem! Se esta não tinha grandezza, tambem não vibrava aquelle do spontaneo alôr da mocidade. Nem panoramicas audacias, nem côres garridas. A banal amenidade do scenario ia bem de harmonia com a farrapagem pelintra das figuras. D'estas todo o apparato exterior era mesquinho como a successão rachitica das collinas. Vestiam de negro os homens, as mulheres de castanho, azul ou rôxo. Predominava a côr viscoenta do andrajo, a crassa e molle confusão das coisas enxovalhadas. Raro n'essa parda sensaboria apontava um lenço claro, uma cinta vermelha, uma calça ou blusa branca. A remendada lastima dos traies era irritã da noite patibular de suas almas. Assim, apprehendidas de longe, em globo forjando n'essa tela amplissima que era o chavascoso livôr da terra, as haças negras dos seus lillupucinos perfis pareciam obra do mesmo genio merencorioso e rude que déra o tom ao chorar banzo das noras e riscára a carvão os troncos ferrugentos das oliveiras.

E emquanto, té longe de roda irradiando, esta pettingueira animação se espolhava nos vallados e rebojava pelos outeiros, no invio corredor da *Ilha do Grillo*, agora silenciosa e deserta, sómente á porta do Silveiro se via a mais novita de suas tres mulheres, sentada de costas contra a hombreira, as mãos cruzadas á frente das tibias dobradas em angulo e deitada a face nos joelhos, amalhada e com o ar soffredor, n'uma resignação idiota, olhando vagamente o céu electrico e sombrio.

Aquella aspera encosta onde ficéram alto, com a sua gente, o João e o *Mamão*, era a todo o comprimento cordalva por um alto maro branco, tendo no topo um caramanchão. As mulheres agora, em desordem semeiadas, depunham os cestos e embrulhos, e, atirando para traz com os chales e os lenços, sorriam a pulmão regalado, n'um cansaço, o ar, passejando longa e amorosamente a vista pela comedia e pacifica vastidão em frente: primeiro, a seus pés, a escosna luga da ladeira; depois, de travéz, o risonho valle em baixo, esmeraldino, pautado de hortas, e a seguir, indefinidamente, até ao rio, a mesma suave ondulação de discretas gibbas numerosas, encapelladas de arvoredo, tons de abundancia a definir os côrregos, pelas faldas cintas brancas de *macadam*; e por fim, desamparado e herto no espaço, barandando sinistro o horizonte, o encastellamento sepulchral do alto de S. João, todo riscado a arestas de marmore e agulhas de cypreste.

Os homens, esses, machinalmente, punham a recado as mulheres e desandavam fazendo sua querida sarabanda pelas tabernas. De todos elles o mais lésto e contumaz visitante era o Serafim, que, emancipado por momentos da Clara, em passadas de metro corria, n'um voluptuoso fadario, a sabida ronda das chafaricas. E ahí, depois de beber com o primeiro proletario que encontrasse, batendo-lhe com intimativa no hombro, insinuava:

— Alegra-te, homem!

— Então?...

— Se tu souberes!

E vertia lhes no ouvido coisas que os faziam arregalar n'uma vingadora esperanza os olhos.

ABEL BOTELHO.



Praça de touros no Campo Pequeno

José Mendes Leite



ESTE um dos negociantes que mais honram o nome portuguez no Pará. Estabelecido ali desde 1886 sob a firma Lemos & Leite, de sociedade com seu sogro João Innocencio de Paula Lemos, que falleceu em 1898, passou d'essa data em diante a negociar elle só, dando um notavel desenvolvimento á sua casa, a qual adoptou para os instrumentos do seu fabrico — de que os leitores do *Brasil-Portugal* teem noticia pelo vasto annuncio com que aquella casa, ha muito distingue a nossa respectiva secção — uma marca registrada que lhe foi concedida pela Junta Commercial do Pará.

A casa Mendes Leite tem attingido nos ultimos annos grande desenvolvimento e prosperidade que a força de vontade e a lucta commercial, vencendo conveniencias extranhas, teem por completo conseguido. E não é só o Brasil que lhe tem dispensado a fama que disfructa. Em jornaes estrangeiros, como por exemplo, *The Prest*, folha norte americana, largas e elogiosas referencias lhe tem sido feitas e os proprios jornaes portuguezes como o *Comercio do Porto*, o *Primeiro de Janeiro* e o *Diario de Noticias* e outros, se teem occupado com largueza e elogio d'esta importante casa commercial.

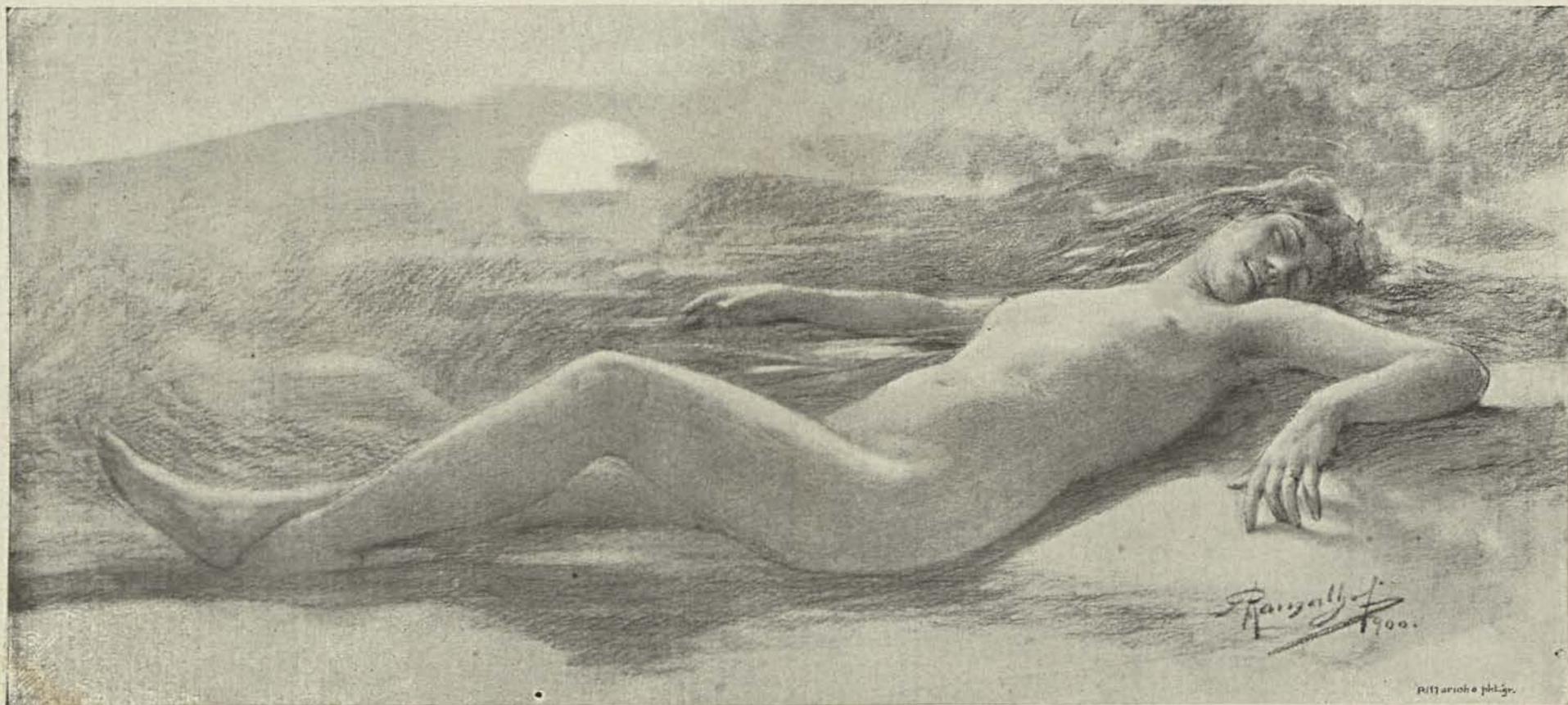
Póde quasi afirmar-se que não ha, tanto no Pará como no Amazonas, instituição de recreio ou de beneficencia, corpos militares, batalhões, institutos de quaesquer natureza, conservatorio, seminarios e collegios, arsenaes, etc., de que não seja fornecedora a casa Mendes Leite.

A' sua especial competencia deveu o sr. Mendes Leite ser nomeado pelo inspector da alfandega do Pará para tomar parte n'uma importante commissão de classificações aduaneiras á qual prestou assignalados serviços.

Da maneira correcta por que recebia as suas transacções e se desempenha de todos os seus compromissos, da forma por que tem acreditado a sua firma, lhe tem resultado a fama commercial espalhada em todo o Brasil.



NOITE



Carvão de Antonio Ramalho

Desenhado expressamente a convite do BRASIL-PORTUGAL para o seu Almanach Illustrado para 1901

A MARINHA DE COMMERCIO

Os «clippers» e o período aureo da marinha de vela — o advento do vapor e a decadência rápida da marinha de vela



Os meados deste século, quando a navegação de vapor extendia sobre os mares as suas primeiras linhas, chegou a marinha de velas a um período de esplendor no serviço do commercio. Tendo de reagir até certo ponto contra o estabelecimento de estas linhas, e de satisfazer as largas exigências da moderna expansão commercial, a marinha de vela pôs de seus navios a gráo de perfeitibilidade que na historia dos armamentos marítimos sempre ha de citar-se com alta admiração, e, graças ao esplendor das suas travessias, durante alguns annos fizeram aos navios de vapor uma concorrência memoravel. Cahir vencida; e progresso assim o havia determinado; mas foi n'um rasgo brilhantissimo, digno das suas gloriosas tradições, que cedeu o campo á joven marinha de vapor.

N'este seu período aureo, pregrediram e se immortalizaram os clippers, a cuja entrada no campo da concorrência já anteriormente tivemos esboço de referir-nos. Mais finos que os outros navios de vela, tendo em geral o deslocamento da parte de ré superior ao da parte de vante, e o centro de volume da quenzas a ré de modo navio, e providos de uma alerosa mastreação em que tomavam spelo numerosas velas, os maximos representantes da marinha de vela percorriam todos os mares com prodigiosas rapides, chegando a acompanhar, e até mesmo a supplantar, os navios ainda imperfeitos da marinha de vapor. Muitos desses navios foram inscritos na historia da marinha, quando aos vastos archivos da archeologia naval passaram os seus moldes. O *Great Republic*, e foi sempre um dos menos velozes, realizou muitas vezes, em quatoras dias, a travessia de New-York a Londres. E, em duas semanas vieram, em 1854, de Boston e New-York a Liverpool, o *Lightning* e o *Red Jacket*, obtendo n'estas memoraveis travessias, o primeiro uma singradura de 436 milhas, e o segundo uma de 413, o que representa em média as admiraveis velocidades de 15,1 e 17,3 milhas por hora. O *Flying Cloud* conseguiu fazer em oitenta e nove dias a viagem de New-York a S. Francisco, pelo Cabo Horn, e n'esta enorme travessia, manteve durante vinte e quatro horas uma velocidade média de 15 milhas. Nas linhas da Australia, la em 1854, de Liverpool a Port Phillip, em sessenta e nove dias e meio, o *Red Jacket*, da *White Star Co.*, e, em sessenta e tres dias, o *Lightning*, e *Etak Bull*; e quatoras annos depois, o exote *Thermopile*, que, em 1866, passou á nossa marinha de guerra com o nome de *Pedro Nunes*, gastava em suas travessias consecutivas de Londres a Melbourne, apenas sessenta dias. E nas linhas da China, os *tea-clippers*, que no destino, vinham fazer nos mercados da Europa o chá da primeira colheita annual, tiveram salimentos não menos dignos de menção. O *Thermopile*, em 1868, gastava de Foo-Chow a Londres setenta e um dias, e, no anno seguinte o *Sir Lancelot* fazia esta viagem em menos de um dia.

Chegou a sua tal perfeição a construcção e a manobra d'estes navios, que em successivas corridas mantinham todos a mesma velocidade, em igualdade de circumstancias de vento e mar. Em 1866, largaram de Foo-Chow no mesmo dia, os *tea-clippers Ariel, Tarping, Sorica, Fieng Crown e Tail-Nag*, e em parafusa corrida, se largaram na decroza para Londres, animados pelo premio que seria concedido ao que primeiro chegasse; perderam-se de vista pouco depois, mas chegaram ao Tainia com poucas horas de differença uns dos outros. Em varias corridas d'este genero muitos esboçaram com todo o passo largo, não por falta de estabilidade sob vela, mas pela imprudencia com que, para vencer, aguentavam com o passo em cima todo o tempo.

Distinguiram-se n'esta phase de esplendor da marinha de vela muitas companhias, algumas das quizes chegaram com notavel renome a nossos dias, como a *White-Star*, a *Imman*, a *Orient Line* e a *Hamburg Americanische*, etc. Esta ultima, constituida em 1847, sob a designação de *Hamburg-Amerikanische Packetfahrt-Actien-Gesellschaft*, inaugurou em suas carreiras com o *Deutschland* e o *Nord America*, que chegaram a New-York em 1848, e completou em seguida a sua frota com o *Elbe*, o *Rhein*, o *Oder*, o *Donau*, o *Aller*, o *Wear* e o *Nectar*, magnificos navios de vela, com excellentes accommodações para emigrantes e passageiros, que, graças á regularidade surpreendente das suas viagens de Hamburgo para a America do Norte, conseguiram durante dez annos conservar o exclusivo dos transportes dos emigrantes allemaes que se dirigiam ao novo mundo. Com os seus navios rivalizavam os das grandes empresas inglesas e americanas e os de muitos armadores dos outros paizes; n'elles se reunia tudo o que de mais perfeito podia imaginar-se n'aquelle tempo, já na funza dos planos, já no primor da construcção, já na disposição dos alojamentos, já na excellentia do velame; e d'este conjunto de perfeições, que os seus passados havia soffrido a marinha de vela, logo se reconhecia que ella chegara a um gráo de perfeição nunca visto nem pensado.

Mas o progresso incessante da marinha de vapor não permitia que muito se prolongasse este magnifico esplendor. Nas suas melhores travessias, raras vezes atingiram os clippers uma velocidade média superior a 9 milhas por hora, e os navios de vapor excederam rapidamente esta velocidade, e, com vantagem, sempre a aproveitavam vantajosamente, porque era obtida á custa de um excoerico consumo de combustivel que tornava impossivel o estabelecimento de fretes razoaveis, mas quando os aperfeiçoamentos da machina de vapor realizaram a compensação economica d'este defecto, dentro de limites convenientes, logo foi condemnado o navio de vela a ir lentamente desaparecendo de sobre os mares.

Foram os armadores ingleses e allemaes os primeiros que se comprometeram de que, perante o progresso do vapor, devia prostrarse a marinha de vela. Wilhelm Imman inaugurou em 1853 um servico regular de transportes de emigrantes, a vapor, entre a Europa e a America, em um grande passo no caminho da nova evolução; e, pouco depois, começaram a seguir-o outras empresas importantissimas, tais como a *Hamburg Americanische*, que vindo passar dos seus navios de vela para os vapores da *Imman* a quatro annos depois de seus emigrantes, abandonou a vela para inaugurar em 1855 uma carreira de paquetes para a America do Norte; e a *Alexandre Allan*, que se transformou, como vimos, na *Allan Line*; e a de *Iman, Inrie & Co.*, que pôs de parte os seus velozissimos clippers da carreira da Australia, para inaugurar a *White Star Line*, de bellos navios a vela para inaugurar em 1855 a New-York a Sydney. E com a abertura do Canal de Suez, que reduziu de 10850 milhas a 6300 a viagem de Londres a Bombaim, e de 12500 a 9500 a do mesmo porto a Hong-Kong, mais se accentuou este movimento, porque muitos armadores foram obrigados a abandonar as viagens pelo Cabo para exploração do commercio da India e da

China, eijos transportes feitos pelo canal eram de muito maior vantagem. Ao seu numero pertenceu G. Anderson, que abandonou em 1870 os navios de vela, para adoptar os grandes paquetes, com que constituiu a *Orient Line*.

Iniciada abertamente a evolução das principaes linhas de navegação do globo, logo começou a decahir a oitosa viéses a marinha de vela. De 1877 a 1884, a sua tonelagem bruta total passou, como indica o graphico I, de 15,5 milhões de toneladas a 18,6 milhões, e, em 1891, estava reduzida a 9 milhões apenas. Mas a partir d'este anno continuou a decahir ainda com maior intensidade. O navio de vapor, graças ao progresso da installação e aos aperfeiçoamentos da machina de vapor, tornava-se até então por tal forma economico que se fizera geralmente preferido, e, em face d'isto, a construcção de navios de vela de alto bordo havia entrado n'um período de quasi geral paralysis. Em 1893, a maioria dos navios de vela tinham mais de quinze annos, estavam velhos, e a construcção naval não tinha encomendas que podessem substituil-os. A decadencia manifestava-se d'este modo por tal forma intensa, que tererata não foi a affirmção que no mundo marítimo passou n'aquelle data, de que a marinha de vela estava proxima do seu fim.

(Do livro recente *A marinha de commercio*)

A. PEREIRA DE MATOS.

Galeria Brasileira

OS FINANCEIROS



Comendador Manuel Antonio da Costa Pereira

É NATURAL de Macedo de Cavalleiros, provincia de Trazos-Montes, e foi para o Brasil ha 48 annos com 13 de idade.

Activo, intelligente e extraordinariamente trabalhador, dedicou-se á vida commercial em que, depois de muitas luctas pela vida, conseguiu fundar no Rio de Janeiro a importante casa commercial que ainda hoje existe sob a firma de Costa Pereira & C.ª, perpetuando assim o nome do seu honrado fundador.

Já afastado um pouco da vida activa do commercio, fez parte da directoria do Banco Rural Hypothecario, de 1880 a 1889, da qual se desligou para vir á Europa visitar a sua patria e as pessoas que lhe eram caras.

De regresso ao Rio de Janeiro foi eleito director do Banco Commercial do Rio de Janeiro e presidente da mais importante companhia de tecidos brasileira «A Progresso Industrial do Brasil», cargo que actualmente occupa.

O que tem sido e valido a collaboração do sr. comendador Costa Pereira nas duas referidas administrações attesta-o o grau de prosperidade da Progresso Industrial, e a maneira digna e honesta porque se tem havido o Banco Commercial na crise que atravessa a Praça do Rio de Janeiro.

PHILOSOPHIA INFANTIL

(Ao pequeno Roberto)



— Adeus, Zé! aonde vaes?
— Viva lá, *sôr Manolinho*.
— Aonde vaes tu sosinho?
— Vou p'ra casa de meus paes,



— E isso é bom?
— Pois não é! E'.

A lenha estala que estala
que até parece que fala
co'os fritos na chaminé!



Que hoje é noite de Natal.
— Ah! sim? Mas que fazem lá?
Comem bolos? tomam chá?
ha arvore? ha coizas?



— Pois nós temos um pinheiro,
alto... assim... grande, ramudo,
com troncos, pinhas e tudo...
— Um pinheiro verdadeiro?



— Qual!
Não senhor. A nossa moda
é... Faz-se um grande brazeiro
d'um pedaço de pinheiro,
e a gente assenta-se á roda.



— Pois! E é tão bonito! Armou-se
Na sala. Tem rebuçados,
barretinas e soldados,
e muitas coizas de doce...



E o presepe então! Se visses!...

— O presepe? o que é, menino?
Come-se?

— Que desatino!

Não digas essas tolices.



Nunca o viste?

— Não, senhor.

Nunca fui lá riba ao céu.

E' tão alto! a mãe diz que eu
hei-de ir lá quando ella fór.



O presepe é um logar
com verduras e com flores,
camonezas e pastores,
e ovelhinhas a pastar...



A 'nha mãe diz que elle môra
em casa do Senhor Deus
co'os anjos todos dos ceus,
e santos e santas...

— Ora!



E ha dois anjos de azas, nós,
dentro da côrte encantada,
e sobre palha atáfada
vê-se o Menino Jesus.



— Que é todo branco e rosado,
cabellos uma lindeza,
e que a bôca é com certeza
um morango em dois cortado.



E' elle quem faz a luz,
e dá pão a quem tem fome:
e por isso tem o nome
tão bonito de Jesus.



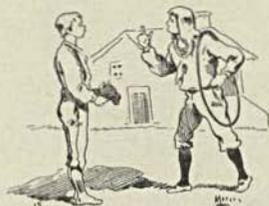
— E onde está Deus?
— Vou dizer-t'o.
— E os anjos, santos e santas?
— Ai! quantas perguntas! quantas!
— E o Menino?
— Existe, é certo,



— Não ha céu e não ha nada.
E, se o ha, ninguém lá móra.
— Ninguém?
— Ninguém.
— Essa agora!
— Vês p'r'o céu alguma escada?



Mas não é de carne e osso
como nós. E' de madeira,
e é de barro.
— Ih! que asneira.
— Nem tem corpo como o nosso.



— Eu não vejo.
— Pois então
Como queres que no ar
haja casas p'ra morar
e pessoas, parvallão?



Ha nas lojas a vender
muitos meninos eguaes,
e baratos: e demais
em tenho-os visto fazer.



Vendem-se até em leilões.
O nosso inda esta manhã
foi comprado p'la mamã
por vinte e cinco tostões.



A mamã... ora vaes ver...
teve ha dias um menino,
assim... muito pequenino...
e esse, esse é que é a valer.

Lorjô Tavares.



Os Netos de Kruger



Madame Eloff e Mademoiselle Guthmann, netos de Kruger
e dois dos seus bisnetos, e Mr. Ricke Eloff, secretario particular do Presidente da Republica Sul-africana,
casado com a primeira das suas netas

O ANNO NOVO

Temos festa hoje, aqui. Acaba o anno velho, começa o anno novo. Mas não vão imaginar que seja do anno novo de que rezam os nossos calendarios a commemoração; tal commemoração, aqui no fim do mundo, no seio d'esta colonia nostalgica, passa insipida, quasi sem alvoroços intimos de familias, limitada á troca banal — troca sem cedilha e com cedilha — de algumas dúzias de bilhetes de visita, com as competentes *boas festas* escritas, da pragmatica. Trata-se do anr lunar que finda, do anno lunar que principia, o anno chinês emfim, a ampulheta que marca para o povo amarelo as suas horas de existencia; vamos entrar no anno XXII do reinado de sua magestade imperial celestial, Kuang-Su.

Temos festa hoje, aqui. A alma chinesa manifesta-se, evidencia-se, domina, hoje; offusca, pela grande maioria dos rabichos, o pallido reflexo da civilização do Occidente que logrou chegar a este Macau, a este exiguo penedo asiatico, onde Portugal implantou a sua bandeira.

Meia noite. Ao meu obscuro albergue, chega, de além dos bazares, ao ruído da bombardada amotinadora dos foguetes, e das mil e mil embarcações fundeadas no porto, o clamor ovante das batéguas vibradas pelas mãos rudes das companhas. Que irá lá por essas bazares a estas horas, santo Deus! — Eu não me atrevo do meu canto. Bem sei que a febre das massas suggestiva, contamina todos. Bem sei que não se dorme hoje; que não ha chapéu de côco de amanheuse ou kepi de militar, direi mesmo chapelinho de pelucia com laçarotes de setim e seu competente passaro empalhado, de menina, que não vá correr as vielas, perder-se na onda, confundir-se com os rabichos, gosar com elles. Mas está tanto frio, e as lagas de agua zurzem me tão desapiedadamente os vidros das janellas — E, poor do que isto, é o frio da alma, é a apathia enervante do meu espirito, é o sorriso amargo que me engra os labios, provocado por esse mesmo jubilo do enxame, que aqui me retém e me impede de tambem ir galhofar.

Não, decididamente não serei da festa. Imagino-a d'aqui. Imagino essas ruas lamacentas, coalhadas de povo sujo, com as cabaias negras enopadas dos chruvascos; e imagino os lumes tremeluzentes das lanternas de papel, accendendo nas poças, pelo reflexo, grandes labaredas esphêricas, alvagueando. As lojas estão escaecaradas ao publico; fructos, flores doces, carnicças, bonecos, coizas santas, estendem-se pelos caminhos em prodigiosas theorias, em coloridos quasi estonteantes, e é comprar, e comprar já, porque não tarda em romper o glorioso dia de descanso, o unico na China em que o camponez, o artifice, o vendilhão, todos, cruzam os braços, não trabalham; e nem a peso de ouro se encontraria um linguado, uma caixa de phosphoros, qualquer infimo objecto nos mercados. As espinelucas de jogo, em galas desuadas, offerem-se, tentam a onda; e até pelas ruas o laboleiro de azar se estende ao passageiro. Que pechincha, se apanha para a festa um accrescimento de pecullo não esperado! O china adora o jogo — era preciso que elle adorasse alguma coisa! — mas hoje todos jogam, todos são chinas, e é isto um exemplo interessante da influencia suggestiva das grandes maiorias; a mão mais circumspecta de funcionario, a mão mais mimosa de dama de *shéhua*, em dialecto vulgar d'esta colonia, avançam sem pejo, arriscam á sorte varia umas pratinhas.

Quando bate meia noite; quando, junto do altar dos penates, se curvaram em piedosas adorações militares de cabeças agradecidas, e se queimaram papeis mysticos, e se acenderam ritos odiforcios; quando em plena rua um brado de alleluia os echos accordou; dirige-se então a onda humana para o lar, já mercas feitas, já bol-sas esvasiadas; e vae surgir um grande dia votado inteiro ao descanso, votado á glorificação dos deuses, cuja magnanimia assistencia se exalta pelas graças que vão, esperar-se...

Meaquilha humanidade! como tu me enristeices, ó pobre humanidade, ó pobre familia minha, ainda mais nos teus rejouços e nas tuas esperanças, do que nos teus choros e nos teus desenganos! — Para este bando chinês com quem me encontro agora, que explosão de benções lhe estimula a sentimentalidade? que altos beneficos commemora? O bando abençoá a sua eterna existencia de miseria, a miseria passada, a presente e a que fatalmente vae seguir-se-lhe. Abençoá a labuta sem treguas, em busca do punhado de arroz de cada dia; ora exercida no lar immundo, sem sombra de conforto; ora exercida pelos campos, nas varzeas, nas collinas, no amanho da terra, sob a oppressão constante dos raios do sol nos! — Para este bando chinês com quem me encontro agora, que se cruzam na podridão dos estuarios, ou pairam sobre a onda adormecida durante as calmas torpidas, ou se desfazem no escarceo

quando os tufões rugem em furia. O bando abençoá a fatalidade da sua condição social, o problema espantoso, paradoxal, do seu feito de ser, que em todas as depravações, em todas as iniquidades imaginaveis, parece ir buscar as leis unicas por que se rege. O bando abençoá ainda as calamidades tremendas, que n'estes ultimos tempos, como uma maldição divina, teem pairado sobre a immensa patria! — nas provincias do sul, nos seus centros mais populosos, é á peste, a peste negra, roubando em cada lar um ou dois filhos, ou o pae, ou a mãe, ou mesmo todos juntos, e vestindo de luto, de tristes roupões alvos, os parentes, e ameaçando estabelecer-se definitivamente, enraizar como uma arvore de peçonha, d'onde emanará a cada instante o veneno subtil destruidor das turbas; e, para cumulo de infortunio e de descredito, um visinho, um povo irmão, o povo japonês, invade, vence e desbarata a China, morde e come pedações do seu torrão sagrado, converte-a, a offerece ao escarnio do mundo na miserissima condição da sua plebe e na opulenta infamia dos seus nobres, desprostrada em fim, indefeza á cubia das gentes, aos homens loiros da Europa, que não tardarão em vir espezinhá-la. — Embora esqueçam-se hoje as miserias, vista-se o povo em gala, chovam benções sobre o anno que finda e sobre o anno que começa. E amanhá decorridas algumas horas de folgança, recomecem, prosigam, — pouco importa! — os torvos dias de amargura, a fatalidade da existencia no anro, a dura labuta no campo e no barcos, a faina eterna, a orgia torpe dos maridos, a escravidão das esposas, a venda das filhas a quem mais der, os horrores da prostituição, as vergastadas nas creadinhas, as extorsões dos mandarins, as torturas nos carceres, a morte lenta nos patibulos, a obra de destruição das epidemias e do odio, nas humilhações perante o vencedor, as exigencias do Occidente, as arrogancias dos homens loiros...

Para o anno novo, tudo se preparava com antecedencia, em prodigiosa azafama; é para todos uma occupação incessante e desuada, durante as ultimas semanas do anno que vae findar. Lavam-se os corvis, lavam-se as podres mobilias. E' o pó d'um anno que se sacode, é a lama d'um anno que se detá fóra, é o piolho e é a pulga d'um anno que se afogam na onda das barrelas; porque, durante os labores de cada dia, nunca a idéa de limpeza preoccupou os espiritos durante um só instante. Tudo é providencial n'este mundo, ao que parece. Na chafurda typica d'estas povoações chinezas, tão frequentemente visitadas por todas as pragas — cholera, peste, lepra, — embebidas do lodo dos canaes, no ambiente das emanações dos estrumes pavorosamente acogulados e dos despejos que apodrecem pelas ruas; custa a crer como a gentailha pullula, e como os consorcios fructificam em ninhadas de garotos; e parece á gente que um sopro qualquer destruidor, de calamidade immensa, irá em breve prostrar esses enxames, sem que deixe de pé um só vivente nos albergues. Puro engano: as povoações eternizam-se. No parecer de alguns investigadores, que taes exotismos interessam, se os miasmas putridos convidam as epidemias a entrar e a vindimar providencialmente as muitas vidas que superabundam, estes mesmos miasmas, sobrecarregados do vapor de amoniac, de exalações corrosivas de fermentos, se encarregam de ferir tambem mortalmente os virus moribundos, poupando o resto do povo. Chegamos ao facecioso paradoxo de ser na China a immundicie o purificador por excellencia, um como que elixir de longa vida indispensavel a todas as familias, feito da mais estendida alchimia de dejectos.

Conceda-se pois, por excepção, a este bom povo celestial, o capricho de lavar uma vez em cada anno o anro onde se abriga. Depois, é vêr a faina de collar pelas paredes, pelas portas, pelas janellas, papeis de bella cor escarlate, com negras inscrições cabalisticas, que são votos de ventura e de riqueza, que são preces aos deuses. E chega a occasião de se adornarem os altares, de se irem comprar junquinhos em flor, que se dispõem em vasos gentis, com agua e seixos alvos, e assim vão entear os apozentes, levando o vigo e o perfume, por um dia, aos negrimes das alcovas. No meio do complicado rito das usanças, algumas praticas eternecedoras, de ingenuidade primitiva, interessam o curioso. Reparem por exemplo nas enormes celhas expostas pelos mercados, onde enxames de pequeninos peixes, carpas barbadas, estrebucham na gotta de agua do improvisado captivo; o povo compra-as, e vae lançá-as em seguda nas ribeiras, gosando na accão do resgate, por certo grata aos deuses, e que redundará em beneficos...

WENCESLAU DE MORAES.



Chronica Musical

S. CARLOS



NADOUÇAÇÃO da época lyrica e como quem diz abertura da *season* affacinha; e é mesmo como deve passar a dizer-se nos tempos anglophilos que vão correndo.

V. Ex. — Ilustres leitores e amáveis e encantadoras leitoras (voh' de certo encantadoras) visionam nem nitidamente tudo o que heis de encontrar na nossa *haute e sous-haute* sociedade? Oh! certamente. Pois não faltava ninguém na quarta feira. Nos mesmos camarotes, nas mesmas cadeiras, até no mesmo paraiso, se sentam com ar grave e solemne de justiceiros julgadores, as mesmíssimas e autênticas pessoas, que ali viramos na derradeira feira da passada época.

E não fora a tradicional elegancia, que pelos caprichos da moda nos exteriorisa uma data, ainda com mais rigor chronologico do que o proprio calendario, não exhibissem v. ex. as essas seductoras e deliciosas *toilettes*, que ha tantos annos me não caço de lhes admirar, mas em que diviso os novos enfeites que delinham a estação de 1900, não haveria que arrancar-me a idéa de que o theatro se não fechou. Ou que, a ter-se dado o phenomeno, dentro d'elle haviam ficado com a mobilia os espectadores do anno anterior, que devidamente escovados e desempeirados se illuminavam de novo aos clarões da electricidade, irradiando do mais arranhado de todos os lustres.

Começa pois a vida para a Lisboa que se preza. E' a vida politica; em S. Carlos é que se fazem e se desfazem ministerios, se atam e desatam allianças (God save the Queen), se elegem e dissolvem deputados, se cozem e se descozem senadores. E' a vida elegante; ali é que se lançam os botões de uma casaca, ali é que se ganham os Asterisks de renda e se perdem os Waterloo de veludões, ali é que brilha o esmalte com que se ve travar a roda indiscreta do engrudado e impuro tempo, ali é que se estreia o novissimo processo de lustrar uma careca com mais fulgor do que um peitinho. E' a vida mundana; qual é o casamento feliz que não sae da conjunção de dois olhares que se cruzaram entre o 1.º e o 3.º acto de umas melodias de Verdi ou de Puccini? Ha logar para se enovelar uma intrigasinha — tudo o que ha de mais innocente — sem o concurso d'aquella atmosfera suggestiva e tentadora? Não ha. S. Carlos domina a vida de Lisboa, ainda melhor e mais intensamente que o sr. conde de Rastello! Ah! e já me ia esquecendo de vos recordar que tambem ha quem se lembre de ir lá ouvindo musica. Palavra de honra!

E tanto que na quarta feira por pretexto, houve uns intervallos, em que se cantou a *Aida*. Sabem, a historia dos amores infelizes d'aquelle guerreiro que entre duas palcoas, uma rainha e branca, outra princeza e prima, se decidiu por esta ultima, com covia, tração e tudo, sob o futil pretexto de que eram ambos da mesma cor. O que tudo Verdi accompanhou de melodias, que á nascença fizeram a sensação que sabem, por serem a primeira tentativa de um mestre glorioso a subordinar-se aos principios de um genio, cujo triumpho na grande arte dos sons mal se autorisava áquelles tempos. Hoje tudo isto é velho e a v. ex.ª, que são pessoas de bom gosto e no *movement*, eu não irei estadeiar de erudito a demonstrar-lhes, que o movimento Wagneriano varreu as velhas tradições e que a melodia *per se* apenas hoje é tolerada, como a reliquia de museu, com que ninguém se atreveria a sahir á rua, a não ser em dia de carnaval.

A *Aida* de quinta feira foi desempenhada pela sr.ª De Lerma e Mantelli e pelos srns. Ceppi, Stracciari e Torres de Luna. Sob a direcção de Goula.

O que foi essa direcção bem ou sabem de antemão, todos os que ha cinco annos vibravam enthusiasmos, sob o influxo da talentosa comprehensão artistica do sympathico maestro. E' suggestiva aquella batuta firme e inspirada; arrastante no movimento com que pormenorisa a phrase, detalhando o colorido em que o talento ou o genio do compositor se revela aos que o sabem sentir.

Os queixumes e lamentos da pobre *Aida* foram-nos trazidos pela sr.ª De Lerma. Com a sua voz fresca e agradável, de raro brilho e volume no registro agudo, facil de emissão e de modulação, que bella *Aida* que a sr.ª De Lerma ha de ser d'aqui a uns annos! Hoje a sua gentil figura de vinte primaveras brilha com os personagens que quasi sempre tem de figurar, prestando-lhes alguma cousa d'aquelle encanto e alegria infantil, que se lhe adivinha, mesmo por detras de todas as caracterisações. São graves de mais para a gentil artista aquellas damas, envolvidos em tenebrosos dramalhões. E tanto que, ao vel-a n'aquelles complicados machismos, não se nos afasta do espirito a idéa de que, ainda em começo de sua educação, a sr.ª De Lerma vem dizer-nos, primorosamente, sob o ponto de vista lyrico, uma lição aprendida. A que falta o quadro de um temperamento, que a idade ainda não fornece.

O contrario precisamente do que acontece á sr.ª Mantelli. Sobejá, exubera, trasbordá, inunda, aquelle temperamento meridional, que projecta braços artisticos, cava rugas profundas, franze o sobrolho dominante, toma attitudes classicas? Mas... que detestavel idéa, que o Tempo, esse velhoro sem gosto, teve de enfraquecer na larynge da sr.ª Mantelli umas notas graves e outras medias, de que a rainha do Egypto tanto carece para arder em ciúmes e para se revoltar contra as justicias divinas da sua terra.

De modo que a sr.ª Mantelli se lançou em esforços altamente louváveis, para se defender, sempre com habilidade mas nem sem-

pre com exito da situação, que lhe é creada pela sua larynge, que só a deixa brilhar na emissão das notas agudas, essas, algumas volumosas e de timbre quente e agradável. O que lhe vale, e a nós tambem, são os braços; a cada nota que falta um bello gesto. "Et qu'importe, si le geste est beau..."

Se a sr.ª Mantelli tivesse alguns gestos ao Sr. Ceppi poderia este ceder-lhe sem grande falta algumas notas. Que as tem, poderosas e afinadas em todos os registos, mais brilhantes nos agudos este tenor dramatico, que incarnava o Rhadamés. E que valente guerreiro! Cada musculo que está a pedir um papel de "Uraus, na primeira opera que se tirar do "Quo Vadis...". Tem de certo muita força o Sr. Ceppi. O que faz com que d'ella use, mesmo cantando. E' assim que na primeira noite alguns espectadores das primeiras filas tiveram do se tratar de contusões, devidas a varios *las e sis*, que o Sr. Ceppi atirou com demasiada violencia. Carece de enfraquecer-se um pouco o valente tenor; nem tudo vae á força cá d'este mundo. Enfraqueça-se Sr. Ceppi e veja se pede um poucochinho de temperamento á sr.ª Mantelli; ganhavam ambos.

O feroz Amnaso era o sr. Stracciari, que começa a sua carreira com uma linda voz de barytono, que nos parece ha-de vir a saber aproveitar, porque se nos vigorou intelligente e correcto.

O julgador Ramis veiu, na pessoa do sr. Torres de Luna, provar que se pode ser severo e ter boa voz.

O corpo de baile muito a caracter parte d'elle, que foi importado das proprias mummies autenticas do Egypto, com grandes sacrificios da empresa. Tambem n'elle figuram alguns representantes femininos da Sociedade dos "Cent Kilos". E' a ultima novidade choreographica do "Palais de la danse..."

E a orchestra? Magnificalmente, sob a disciplinada direcção de Goula, enriou-nos as suas harmonias de uma bona centímetros abaixo de nós. Uma felix idéa da empresa. Opinião que apenas não é partilhada... pelos musicos.

VASCO.

Ainda chegamos a tempo para dizer que o *Tambússer* se seguiu á *Aida* e a *Favorita* ao *Tambússer*.

Este nada nos deu que causasse enthusiasmo; a *Favorita* foi um d'aquelles memoráveis "fascios, de que só conservarão memoria os que assistiram á unica recita em que se perpetrou o crime.

Tanto n'uma como n'outra opera houve estreia de principiantes inexperientes.

Parce-nos que experiencias d'estas se deviam reservar para outros logares, a não querer transformar o palco de S. Carlos em parada de recruta de cantores. O tenor da *Favorita*, sr. Palet, deixa esperanças, pelas qualidades da sua voz, de que poderá vir a ser um cantor. Gostariamos de o ouvir entre. A sr.ª Grassot, que fez de Venus Izabel no *Tambússer*, não é tão ricamente dotada de larynge como o seu calouro collega, mas está um pouco mais segura da sua pessoa.

Menotti, com as ruínas da sua voz, ainda conseguiu realizar milagres. O poetico Walfram teve no intelligente artista um interprete superior, sempre que as exigencias da musica o não forçaram por deficiencias vocaes a recorrer ás suas grandes habilidades lyricas, para occultar os maleficios do tempo.

O sr. De Luca, na *Favorita*, foi um rei que não mostrou grandes vocações physicas para o *métier*. Em compensação distinguu-se algumas vezes como cantor, sendo o unico a salvar-se do desastre da noite.

No "Tambússer, o baixo sr. Perelló, e o "Balthazar, o sr. Torres de Luna, não chegaram a acender o publico em delirio. O primeiro não commetteu, porém, as incorrecções de que o segundo abusou, alterando escandalosamente os trechos da sua parte.

Guardámos para final a sr.ª Mantelli e o sr. Dimittresco nas suas respectivas qualidades de protagonistas. O sr. Dimittresco, que se viu grego de nascimento, não abandona facilmente a sua patria, quando fem de subir ás alturas extremas das suas funções de tenor. Tem, de facto, uma voz pouco extensa e de um timbre que não chega a encantador. Sabe cantar e foi correcto no desempenho do seu personageno. Não ganhou, porém, os fóros de notabilidade a que aspirava pelo tamanho das letras com que o seu nome figurara no elenco.

A sr.ª Mantelli veiu na *Favorita* confirmar as nossas previsões da *Aida*. A sua larynge não pode seguir, nem se quer acompanhar os impetos do seu apaixonado temperamento. Na subida das asperas do celebre duetto do 4.º acto, o desastre roçou pela calmidade. E' um terrivel inimigo o Tempo! Ha-de ser difficil que a sr.ª Mantelli chegue a conquistar as sympathias do publico... como artista, é evidente.

Dizer que ambas as operas foram ensaiadas e dirigidas por Goula, é o mesmo que afirmar que apesar da deficiencia dos meios de que dispunha, elle logrou alcançar o maximo que era licito atingir.

Até hoje é o unico artista completo da companhia, o eminente maestro.

VASCO.



BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão
 Texto e capa: Companhia Nacional Editora
 Largo do Conde Barão, 50
 Páginas suplementares: DR.ºº Ezequiel Nunes & P.ºº
 Rua d'Assumpção, 18 e 24
 Romance: Typographia Castanhedo
 Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZINAL ILLUSTRADA

Directores
 Augusto de Castilho, Jayme Victor, Loriz Tavares
 Editor
 Luiz Antonio Sanchez
 Redacção e administração—Rua do Carmo, n.º 15, 1.º
 LISBOA
 Endereço telegraphico—BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno	moeda brasileira	Anno
Numero avulso	6 meses
		3 meses
		Numero avulso

SUMMARY

Luciano Cordeiro — AUGUSTO DE CASTILHO.
 A inscripção de Jellala — (Novo padrião de Diogo
 Cão) — LUCIANO GONDIM.
 O novo palácio de Mandos.
 Os mortos.
 Triste e moço — JOÃO GOUVÊA.
 Amanhã — ABEL BOTELHO.
 José Mendes Leite.
 Noite — CARVALHO DE ANTONIO RAMALHO.
 A marinha de commercio — A. PEREIRA MATOS.
 Galeria Brasileira — Os financeiros — Comen-
 dador Manuel Antonio da Costa Pereira.
 Philosophia infantil — Vários de LORIZ TAVARES
 — Illustrações de A. MORAES.
 Os netos de Kruger.
 O Anno novo — (CORTO) — WENCESLAU MORAES.
 Chronica infantil — (S. Carlos) — VASCO.

Páginas supplementares

Boas festas.
 Almanach illustrado do Brasil-Portugal para 1901.
 Sciencia facil — ORAYAL.
 Um susto (Corto mudo).
 Para os Cearenses
 Avê-Maria — CUNHA MENDES.
 Anedoctas.
 Ostro amavel milagre — EÇA DE QUEIROZ.
 Floretto — FERNANDO GALDEIRA.
 Cartas da Quinquena.

41 ILLUSTRACOES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO.—(Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodoro Popo do Moraes e José Martins Filho, Rua de Alfândega, 4, prédio).
 PERNAMBUCO.—A. Leopoldo da Silveira.
 PARA.—J. B. dos Santos & C.º.—(Livra' a Classica)—
 Rua João Alencar, 52.
 MANAOS.—A. Fochadella — Cass Andersen & C.º—
 Praça Tumandara.
 MARANHÃO.—Leonido J. de Medeiros & C.º
 CEARÁ.—Salles Torres & C.º
 BAHIA.—José Luis da Fonseca Magalhães (Livra'ia Magalhães)—Rua Direita do Palácio.
 PELLOTAB.—Carlos Pinto & C.º (Livra'ia Americana).
 PORTO ALEGRE.—Carlos Pinto & C.º (Livra'ia Americana).
 RIO GRANDE DO SUL.—Carlos Pinto & C.º (Livra'ia Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

BOLAMA (Guiné).—Oscar A. Gonçalves da Silva Moraes, Theoucentro geral da Província.

MOÇAMBIQUE.—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorena.
 MOSSAMEDES.—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.
 QUEILIMANE.—Henrique Lima.
 BENGUELLA (Egypto).—Matheus & Tavares.

No Continente

PORTO.—(Agente geral no Porto e no norte.) Antonio Gonlo Fernandes, Rua do Almada, 431, 1.º
 EVORA.—(Agente geral em Evora e no Sul) Luiz Freire Correia, director da Escalinação dos tabacos.
 BENAVENTE.—J. M. S. Carvalho.
 PONTE DE LIMA.—Gama, Amaral & Com.ºº
 COIMBRA.—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 12.º

No Estrangeiro

PARIS.—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

BOAS FESTAS

Aos nossos numerosos assignantes que tão lisongeiro acolhimento tem feito a esta Revista desde o seu primeiro numero, aos annunciantes do reino e do Brasil, e a todos que directa ou indirectamente tem contribuido para o exito enorme que não só em Portugal, como na Africa e em todos os Estados Unidos do Brasil, o **Brasil-Portugal** tem tido até hoje, apresentamos as nossas felicitações pela entrada do novo seculo e desejamos-lhes um anno prospero.

OS DIRECTORES.

Almanach illustrado do Brasil-Portugal

PARA 1901

Tem tido um extraordinario exito o almanach que esta Revista publicou para 1901 e que tambem constitue o brinde aos seus estimaveis assignantes.

De todos os pontos do paiz chegam pedidos d'esse livro que, como o de 1900, é um repositorio artistico das mais bellas gravuras, incidas.

Para as varias cidades do Brasil foram expedidos n'estes ultimos vapores 30 mil almanachs, conforme os pedidos dos nossos estimaveis correspondentes.

SCIENCIA FACIL

Electricidade

Vamos agora encetar a publicação de uma serie d'experiencias electricas; como de costume, empregaremos para essas experiencias, não utensilios de difficil acquisição e maneojo, mas artigos que todos podem encontrar com a maior facilidade e cujo preço é por tal forma limitado que nunca elle constituirá obstaculo á sua acquisição. Tentaremos, tambem, expor as experiencias diversas que vamos descrever por forma que ninguém possa encontrar duvidas, querendo exculcitas.

É relativamente facil a produção de electricidade; o simples attrito basta para isso; todos sabem perfeitamente que esfregando com li um pau de lacre e aproximando-o em seguida de corpos bastante leves como são por exemplo as barbas de uma penna, estas são atrahidas; pelo attrito, o pau de lacre tornou-se electrico; claro é que não será esta electricidade tão abundante que nos permita obter resultados mais palpaveis, e por isso precisamos recorrer a qualquer outra fonte produtora de energia electrica.

Já n'um numero passado demos a construcção d'uma machina electrica; mas, quando, por qualquer motivo se não possa dispor d'essa, pode-se arranjar outro; emprega-se para isso uma simples chaminé de candieiro; para que essa chaminé fique transformada em machina electrica basta que a uma das suas extremidades se adapte uma folha de cortiça atravessada por um prego. Para empregar esta machina aproxima-se do fogo até a secar bem, e, depois de a ligar com o appareho esfrega-se com um bocado de seda.

Não são estas as unicas machinas ao alcance do amador; existem no commercio e são faciles de construir uns outros apparehos denominados *electrophoros* e que substituem vantajosamente as machinas electrostaticas.

Compõe-se o *electrophor* de um disco de madeira muito secca, coberta de folha de estanho e tendo um cabo isolador de vidro; repousa este disco sobre um bloco de resina, ou antes de uma mistura de partes eguaes de gomma lacca, resina ordinaria e terebenthina de Veneza; fundem-se estes ingredientes e quando estão em fogo e bem misturados, deitam-se n'uma caixa circular de estanho.

Quando se quer usar este appareho, começa-se por se *secar muito bem* o bloco de resina appro-

1. N.º 15 de 1 de Novembro de 1899.

Prozem os preciosos Vinhos
 de Orlano Ramos Pinto

ximando-o do lume; e o disco de madeira tambem deve ser secco; depois com uma pelle de gato ou de coelho esfrega-se a resina; feito isto colloca-se o disco sobre a resina, toca-se levemente com o dedo no disco e em seguida levanta-se este pelo seu cabo isolador. Se aproximarmos do disco um dedo ou qualquer corpo bom conductor¹ o disco saltar-se uma faísca.

A resina conserva por algum tempo a sua electricidade de forma que se pôde tirar do disco uma grande porção de faíscas sem ser preciso esfregar a resina; basta collocar em cima d'esta o disco, tocar-lhe com o dedo e em seguida levantá-lo para que logo nova faísca se manifeste á aproximação de um corpo conductor.

Ha maneira de construir outro electrophoro ainda mais simples do que este; é Gaston Tindardier quem, nas *Abrégés Scientifiques*, nos ensina a maneira de o fazer. Serve para isso um prato de ferro esmaltado e uma folha de papel de embrulhos forte e espesso. Depois do papel cortado de modo a facilmente se poder applicar sobre a parte plana do prato, fixam-se n'este com lacre duas tirasinhas de papel de forma a poder levantar-se com facilidade, e colloca-se o prato sobre dois copos de vidro.

Quer-se produzir electricidade? É necessario aquecer o papel deante de um bom lume; este aquecimento deve ser muito demorado e repetido varias vezes, de forma que o papel não só fique bem secco mas a sua temperatura seja o mais elevada possivel; em seguida põe-se sobre uma meza com a maior rapidez para a evitar o arrefecimento e esfrega-se com uma escova muito dura e secca. Põe-se depois o papel sobre o prato, toca-se este com o dedo e levanta-se o papel.

Se n'esta occasião qualquer pessoa tocar o prato com o dedo fará saltar uma faísca. Pôde-se então pôr de novo o papel sobre o prato, pela segunda vez tocar com o dedo na borda d'este, e levantar o papel; segunda faísca se produzirá nas mesmas condições da primeira, e assim successivamente.

Rudimentar como é, consegue-se ás vezes com este simples apparelho obter faíscas bastantes vivas; depende isso do grau de secura do papel.

Temos assim descripto os varios apparelhos productores de electricidade, ao alcance de todos. Não são apparelhos que produzam grandes quantidades de electricidade; bastam-nos, porém, para todas as nossas experiencias.

No proximo numero começaremos a descrever essas experiencias.

ORAVAL.

¹ Denominam-se corpos bons conductores aquelles que propoem facil mente a electricidade.—Exemplo—os metais, etc. Maus conductores são todos os que não propoem a electricidade.—Exemplo—a seda, o vidro, a lã, a resina, etc. São estes corpos tambem chamados isoladores.

Num jantar de noivado:

Um dos convidados levanta um brinde aos noivos, dizendo:

—Brindo á noiva, desejando vivamente que este dia se repita por muitas vezes...

UM SUSTO

(CONTO MUDO)



1.



2.



3.



4.

PARA OS CEARENSES

A subscrição aberta pelo jornal *Le Brésil* que se publica em Paris, para os desgraçados do Ceará, estava no fim do anno em 3.605.63 francos.

Uma senhora que amava muito as creanças, e que ao entrar n'uma luvaria, viu um menino e uma menina em cujas phisionomias se denunciava a tristeza, tão impropria d'aquellas idades, perguntou á dona do estabelecimento:

—São seus filhos?

—São, sim, minha senhora, disse a luvaria.

—São do seu natural bem triste as pobres creanças!

—Não é por minha culpa, respondeu a mãe. Bastante lhes bato eu por isso.

AVE-MARIA

I

A noite desce,
Desce de brando;
O sol parece

Uma rosa de fogo aos ceus illuminando...

A Avê-Maria
Chora nos ares:

Ah, nostalgia
Dos que estão a scismar bem longe de seus lares

II

O som do sino
Expira em dôres:
Lembra o destino

Das crianças sem pais, das almas sem amôres...

Lyrios lanados,
Tombai nos ermos
Sois comparados

A alguns sonhos tombando em corações enfermos!

III

Ah, que saudade
Na paz sentida
Da soledade

Em que tudo parece haver perdido a vida!

A grande calma
Envolve o mundo;
Ha em nos' alma

A saudade de quem se abraça a um moribundo!

IV

A luz saudosa
Descora e expira;
Triste e queixosa,

Uma canção de amor na solidão suspira

E, vagamente,
Deixa nos ares
A ancia dolente

Das tristezas cruéis e dos cruéis pesares.

V

E o sol que morre
No espaço rubro!
A chamma escorre

Sanguinolentamente em largos ceus d'outubro!

Cheia de vaga
Ancia sliente
A alma naufraga

N'esses mares de sangue avermelhando o poente...

VI

Visões, nascidas
Por entre dôres,
Sombras perdidas

Que inspirastes outr'ora os mais castos amôres;

Passae, amadas
Visões sombrias!
Sombras maguadas,

São nossos corações as catacumbas frias!

VII

E a Avê-Maria
Morre nos ares...

Dos que vão sem amor, como os orfãos sem lares...

Ah, nostalgia
Vós, almas puras,
Cobri de flôres
As sepulturas

Em que, tristes, guardais os ultimos amôres!

Brasil.

CUNHA MENDES.

Ao jantar:

—Se o menino continuá a chorar não come sobremesa.

—E o que é a sobremesa?

—Creme.

—Então antes quero chorar... não gosto de creme.

A' mesa d'um hotel:

—V. Ex.^a serve-se de presunto, minha senhora?

—Com todo o gosto... Eu morro por tudo quanto é porco!

O CARTAZ DA QUINZENA



S. Carlos.— Este anno, que começa hoje, vai dar-nos, como novidade lyrica, seis concertos vocaes e instrumentaes, em *matinées*, que se effectuarão em dois domingos de cada um dos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março. Cantar-se-hão a missa de *Requiem*, de Verdi, e uma oratoria de Perosi.

D. Maria.— Na novel peça de Dumas filho, *Um pae prodigo*, que o sr. Mello Barreto traduziu primorosamente para o theatro de D. Maria, está fazendo as delicias d'aquella sala de espectaculos.

Todo o espirito brilhante do auctor do *Demi Monde* perpassa por essa prosa viva que não perdeu nenhum dos seus encantos na versão portugueza.

E o theatro do Rocio que se está assignalando não só pela acertada escolha das peças como pelo metuceloso cuidado na distribuição dos papeis e propriedade de *mise-en-scene*, confirma no *Pae prodigo* os seus creditos.

E' excellente o desempenho de Augusto de Mello e Ferreira da Silva, e pelo estudo que fizeram dos seus personagens não merecem senão louvores Augusta Cordeiro, Emilia Lopes, Cecilia Machado e Fernando Maia.

D. Amelia.— Na primeira quinzena de janeiro, representará a companhia Rosas & Brazão *A Estrada Nova*, original do sr. Anthero de Figueiredo, que já foi no Porto. Para a segunda quinzena, indica-se a estreia da Réjane, com o *Demi-Monde*, de Dumas filho, devendo seguir-

se-lhe a *Boneca*, de Ibsen, e talvez a *Sylvia*, peça muito original, cuja acção se passa desde o celebre dia da tomada da Bastilha até 1800.

A festa artistica do grande actor João Rosa é possível se realisar tambem antes de 15.

Trindade.— Poz este theatro agora em scena uma peça que já ha bastantes annos foi ouvida com geral agrado no theatro dos Recreios, *As duas princezas*.

E' uma zarzuela em tres actos com musica de Caballero, mas musica deliciosa, musica tão bem feita que nos conserva durante toda uma noite captivos de inspiração do maestro.

Este agradabilissimo estado de espirito augmenta ainda quando o desempenho é tão feliz como agora. Queiroz, o insigne tenor que ainda hoje conserva toda a frescura, toda a intensidade da sua bella voz, deu-nos um principe de Monaco, que coisa alguma deixa a desear.

Lucinda do Carmo e Delfina Victor, as duas princezas, houveram-se admiravelmente nos seus díficeis papeis.

José Ricardo, com a graça que sabe dar a todas as personagens de que se encarrega, desempenhou a parte de Antão com o talento que aliás se devia esperar dos seus creditos de artista afamado em innumerados, em todos os seus papeis.

Da musica mais nos chamou a attenção o quarteto do 2.º acto, de Queiroz, José Ricardo, Lucinda do Carmo e Delfina Victor, em que nenhum dos executantes discrepou sequer uma coma, e o trecho que acompanha uma scena mimica de José Ricardo é que este anda perfeitamente.

Todos muito bem e tenha feliz e longa vida a zarzuela, no palco da Trindade.

Gymnasio.— Os *Doidos com juizo*, a engracadaissima peça allemã, que tem sido uma verdadeira mina para o theatro do Gymnasio, conseguiu endoidecer á gargalhada todas as pessoas de juizo que lá tem ido. E francamente, a melhor loucura é a que ri.

Avenda.— Palmira Bastos é incontestavelmente uma actriz de largas faculdades e superior merito. Quem, depois d'aquelle difficil e brilhante desempenho da *Boneca*, n'um genero completamente diverso, faz aquella *Gran-Du-*

queza de *Gerolstein*, quem, n'um papel por demais conhecido, pôs tanta coisa nova, tanto mimo, tanta graça, tanto talento, tanta arte no dizer e no canto, é, não ha duvida, uma actriz consumada.

Os artistas que a acompanham na *Gran-Duqueza*, Santos Junior, o general *Baum*; Corrêa, o *Fritz*; Elvira Mendes, o *principe Cornelio Gil*, e Aurelia, *Wanda*, deram ao desempenho um tão harmonico *ensemble*, que a *Gran-Duqueza* está fazendo gloriosa carreira, e só sahirá de scena para dar lugar a uma velha companhia que se chama *O Barba Azul*.

— Depois, far-se-ha *reprisa da Noite e Dia* e do *Solar dos Zarrigos*, a alegre opereta de Gervasio Lobato, D. João da Camara e musica de Cyriaco Cardoso.

— Outras *reprises* prometidas para este theatro: *O Filha do Tambor-mór*, e *Os Africanistas*, aquella uma deliciosa opera-comica de Offenbach, e esta uma engraçada zarzuela, que tem sido admirada em Lisboa.

Rua dos Condes.— Annuncia-se para breve a festa artistica de Silva Pereira, mais conhecido pelo decano dos actores, apesar de ser muito mais novo que grande parte d'elles. Representa-se *O Tabalhão do Fote das Almas*, peça genuinamente portugueza, e a comedia *O Impedido do coronel*.

Depois, a *premiere* da comedia do actor Pedro Cabral *A gaiola do paggaio*. E para breve a revista de Schwallbach.

Principe Real.— A'manhã ha uma *premiere* com a *Tigra Vermelha*, drama em 4 actos de Brieux, traduzido pelo sr. Maximiliano de Azevedo.

Esta peça é *L. Robe Rouge*, que faz parte do repertorio da Réjane.

Colyseu dos Recreios.— A grande novidade a apparecer aqui são *Les Troubadours Toulouseins*, que cantam, ao que se diz, muito melhor do que muitos cantores de agora e sobretudo muito melhor do que os antigos trovadores provençães, que ás vezes desafiavam de grande, apesar de... trovadores.



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recibe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

— Sempre as ultima^s novidades —

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

ANEDOTAS

Entre estudantes:

- Meu pae foi um benemerito da patria!... Engugou muitas lagrimas a milhares de pessoas!...
- Abençoado elle seja! E tinha bens para isso?
- Não. Tinha uma fabrica de lençoes.

cuidado, lhe responde o pobre homem, soluçando.

— Como assim?

— Pois não sabe que cada anjinho toca lá o seu instrumento? Ora supponha que mettem um rabecão grande nas unhas ao meu pequenito! como ha-de elle fazer para se haver com aquillo?! Pobre creança!...

— Então não vê como elle tem as mãos?

— Vejo, sim, senhor, mas aquillo é da tinta. Elle é tintureiro.

E' tintureiro!... E então porque não m'otinha dito?

— Entra na loja d'um barbeiro um velho de barba grisalha, e diz:

— O' mestre, deite-me abaixo esta barba, que já me abrorece.

Feita a operação, pergunta o freguez ao barbeiro:

— Então o que diz agora cá á pessoa? ainda parece velho?

— Não senhor, responde o barbeiro, agora não parece velho, parece velha!

Um medico indo vêr um tintureiro que estava doente, quando sahia, foi interrogado pela mulher d'este sobre a gravidade e qualidade da doença.

— Está muito mal, está com a febre vermelha.

— Sim! disse a mulher.

OUTRO AMAVEL MILAGRE

N'esse tempo Jesus ainda não sahira de Galiléa, das margens do lago de Genesareth: mas a nova dos seus milagres chegara já a Sicheim, cidade rica, em vinhedos, no paiz de Samaria. Uma tarde um homem passára com os cabellos ao vento, dizendo que um novo Rabbi, um novo propheta, andava pelas verdes collinas que vão de Ma-dalia a Caparnaum, annunciando o advento do reino de Deus, e curando todos os males humanos. Em quanto descansava junto ao poço de Jacob, o homem contou mais que o Rabbi, n'um campo ao pé de Caparnaum, sahira o servo d'um centurião romano, de longe, e só com murmurar suavemente uma palavra; e n'outra tarde, tendo atravessado a uma parte de Galiléa para a terra dos Gerasenos, onde se fazia a colheita do balsamo, resuscitara a filha de Jaira, homem consideravel, que lia na Synagoga. E como a gente em redor lhe perguntava se esse era o Messias, e que doçura havia nas suas palavras, o homem ergueu-se, apañhou o cadado, e sem sequer beber do poço onde bebera Jacob, desappareceu, como os cabellos ao vento, por entre as rochas, no caminho que leva a Bathania. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho do Hermon, ficára refrescando as almas; e logo a terra pareceu menos dura, e todo o fardo pareceu menos pesado...

Ora, em Sicheim, vivia um velho chamado Obed, senhor de rebanhos, senhor de vinhas, d'uma familia pontifical, que, desde os antigos cultos d'Israel, sacrificava no alto do monte Ebal. Mas um vento abrazador, esse vento de desolação que vem, á voz irada do Senhor, do fundo das terras d'Assur, matára as melhores rezes dos seus largos rebanhos; e, nas encostas, onde lhe tinham crescido mil pés alegres de vinha, nagejava agora só a esterilidade das urzes. Obed, com a cabeça escondida no manto, lamentava-se á beira dos caminhos.

Depois ouvido em Sicheim fallar do Rabbi de Galiléa, que alimentava as multidões, e emendava todas as desgraças humanas, Obed, homem lido, pensou consigo que o Rabbi seria um d'esses feiticeiros que maravilham a Judéa, como Apollonius, o da voz de bronze, e o subtil Simão de Samaria. Esses, mesmo nas noites escuras, conversavam com as estrellas; e sabiam as palavras que allegorizavam sobre as caras dos moscardos negros, gerados nos lodos do Egypto. Jesus, mais poderoso que Apollonius, mais subtil que Simão, sustaria a mortandade dos seus gados, e faria reverdescer as suas vinhas... Obed chamou os servos, e ordenou-lhes que fossem buscar o Rabbi ás cidades de Galiléa.

Os servos apertaram os cintos de couro, e largaram correndo para o norte, pela estrada das caravanas que conduz a Damasco. Uma tarde avistaram, sobre o ponto verde do monte Harmon, depois do lago de Genesareth resplandecer diante d'elles, espelhado, azul-celeste, e calmo na frescura da manhã: um bando lento de cegonhas brancas cortava o céu claro, voando para os lados de Safed; a cidade nova de Gamala tinha um doce brilho de marmore, entre as verduras; e a agua, transparente e sem murmurio, banhava os pés das hervas alvas e dos alondros em flor. Um peso, por que se desamarrava propugnadora a sua barba, disse-lhes que o Rabbi deixara a Galiléa, e partira com os discipulos para os lados de Galilad, para onde desce o Jordão.

Os servos seguiram, correndo, sem repouso, até ao sitio onde o Jordão, mais baixo, tem um largo remanso, e dorme um instante, immovel e verde, á sombra dos tamarindos. Da entrada d'uma cabana, feita de ramos, um Essenio, coberto de pelles de cabra, surgiu e selvegem gritou-lhes que Jesus, sózinho, se afastara para além. Mas onde era a em? O Essenio, com um gesto brusco, indicou vagamente as montanhas da Judéa, Engaddi, e as fronteiras róxas do reino d'Asketih onde se ergue, sinistra sobre o seu rochedo, a cidadella do Malkaur. Mas debalde os servos, arquejantes, procuraram até ao paiz de Moab. Jesus não estava ali. Um dia, já na volta, um Escriba, que rascolha a Jericho, passou por elles, montado na sua mula. Os servos d'Obed rodamaram-no, perguntando-lhe se encontrára um propheta de Galiléa que fazia milagres. O homem da Lei bradou-lhes que nem havia propheta, nem havia milagres fóra de Jerusalem, e que só Jehovah era forte no seu Templo; e perseguindo-os ainda, ás pedradas, em nome do Se-

nhor d'Israel. Os servos fugiram para Sicheim. E grande foi a desconsolação d'Obed porque os seus rebanhos morriam, as suas vinhas seccavam—e a esse tempo crescia em Samaria, consolador e cheio de promessas divinas, o nome de Jesus de Galiléa.

Ora um Centurião romano, Publius Septimus, comandava então o forte que se chamava o valle por onde se via a Cesarea do mar: Publius era homem prospero, e gozava os favores de Flaccus, Legado Imperial na Syria. Mas, desde tempos, sua filha unica, e infelizmente amada, definhava com um mal estranho, incompreensivel mesmo aos esculpicos e aos magicos que elle mandára consultar a Sidon e a Tyro. Branca e triste como a lua, sen se quizesse e sem fallar a seu pai, deixava-se finar sentada na esplanada do forte, sob um velario, olhando melancolicamente os longos azulejados do mar de Tyro, por onde elle viera d'Italia, n'uma galera, com soldados. Por vezes ao seu lado um legionario, d'entre as ameias, apontava lentamente ao alto a flecha, e varava uma grande agua, viondo d'azul serena no azul. A filha de Septimus seguia um momento a ave, torneando, até bater morto sobre as rochas; depois, mais triste e mais pallida, continuava a olhar o mar.

Então Septimus tendo ouvido d'estes feiticeiros do Rabbi, tão potente sobre os Espiritos, que curava todos os males, destacou tres decurias de soldados a procural-o em todas as cidades da Decapola, na Peree, e ao longo da costa até Ascalon. Os soldados metteram os escudos dentro das sandalias de lona; e partiram, fazendo ressoar as sandalias ferradas sobre as lazes das tres estradas romanas que se cruzavam em Samaria. De noite as suas armas brilhavam no alto das collinas, entre a vermelhidão dos archotes. Da dia penetravam nos casaes, buscavam a espessura dos pomares; e as mulheres inquietas traziam lhe figos, e malgas cheias de vinho de Safed, que elles bebiam, ás mãos ambas e d'um trago, sentados no chão, á sombra dos sicomoros. Ao passarem nos postos romanos, e dizendo o nome de Septimus, outros legionarios, eu homens das cohortes syrias, juntavam-se-lhe, levando no capacete um ramo de oliveira. Mas pouco a pouco estas irritaveis marchas, á busca d'um Rabbi judeu, inutilisavam-nos: agora faziam parar as caravanas, brutalisavam a gente nos burgos, clamando o nome de Jesus. Ao avistal-os, os pastores de Idumea, que dão as rezes brancas para o Templo, refulgavam de pressa nos montes; e a guarda dos arredos das villas, os velhos acudiam sobre ellas as mãos cheias de malhas presagios, invocando a colera de Elias. Nas visinhanças de Hebron arrastaram para fóra das grutas os Solitarios, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar onde se escondia Jesus de Galiléa; e a ignorancia de dois mercadores, que vinham de Ioppé com uma carregação de malobatro, e que não tinham jámais ouvido o nome do Rabbi de Galiléa, foi-lhes contada como um milagre e pagaram vinte drachmas ao decurião. Assim proseguiram até Ascalon; não encontraram Jesus; e retrocederam ao longo da costa enterrando as sandalias nas areias ardentes. Uma inadragada, junto a Cesarea, avistaram, sobre um fresco outeiro, um bosque de loureiros onde alvejava recolhidamente o tronco liso d'um templo. Um velho, de barbas brancas, vestido de linho alivo, esperava alli, grave e relictosissimo de appello do sol. Os soldados de baixo, perguntando-lhe se tinha ramos d'oliveira, se elle sabia d'um propheta de Galiléa que fazia milagres. O velho, sereno e sorrindo, disse-lhes que não havia propheta, nem havia milagres, e só Appolo Dalphico conhecia o gesto das cousas. Então devagar, com a cabeça baixa, como n'uma tarde de derrota, os soldados recolheram ao forte de Samaria. E grande foi o desespero de Septimus, porque sua filha morria, sem se quizesse e sem fallar a seu pai, e a fama de Jesus de Galiléa já subia a galopando toda a Samaria, como á aurora quando se levanta por traz do monte Hermon.

Ora junto a Sicheim, n'um casebre, vivia então uma viuva, desgraçada entre todas, que tinha o filho doente com as febres. O chão miseravel não estava caído, nem n'elle havia enxerga. Na lampada de barro vermelho seccára o azeite. O grão fallava na arca; ruidosamente do moinho domestico cessára, e esta era em Israel, a evidencia cruel da infinita miseria.

A pobre mãe, sentada a um canto, chorava; — e estendia sobre os seus joelhos, embrulhada em farrapos, pallida e tremendo toda, a creança pedia-lhe, n'uma voz dobil como um suspiro, que lhe fosse chamar esse Rabbi de Galiléa de

quem ouvira fallar junto ao poço de Jacob, que amava as creanças, nutria as multidões, e curava todos os males humanos, com a caricia das suas mãos. E a mãe dizia, chorando:

— Como queres tu, filho, que eu te deixe, e vá procurar o Rabbi a Galiléa? Obed é rico e tem servos, eu vi-os passar, e debalde buscaram Jesus por areias e cidades, desde Chorazin até ao paiz de Moab. Septimus é forte e tem soldados, eu vi-os passar e perguntaram por Jesus sem o achar desde o Hebron até ao mar... Como queres tu que eu te deixe? Jesus está tão longe, a nósá dor está commosco. E sem dúvida o Rabbi, que lê nos Synagogs novas, não escuta as queixas d'uma mãe de Samaria, que só sabe ir orar, como outr'ora, no alto do monte Gerazim.

A creança, com os olhos cerrados, pallida e como morta, murmurou o nome de Jesus. E a mãe dizia, chorando:

— De que me serviria, filho, partir e ir procural-o? Longas são as estradas da Syria, curta é a piedade dos homens. Vendo-me tão pobre e tão só, os cães viriam ladrar-me á porta dos casaes.

De certo Jesus morreu; e com elle morreu, uma vez mais, toda a esperança dos tristes Pallida, e desaliçada, pela creança murmurou:

— Míe, eu quereria ver Jesus de Galiléa.

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança:

— Aqui estou.

ECÇA DE QUEIROZ.

Sobre alguns particulares fallavam duas senhoras; como, porém, se achasse presente outro, vestido de verde, e a quem não queriam comunicar o segredo, disse uma para a outra:

— Fallai mais baixinho, que Fulana parece qu'ouve (couve).

FIORÉTO

—Trago-te uma rosa linda!
Pois não é linda, mamã?...
Ven tu toda molhada ainda
do orvalho d'esta manhã!

E o botão! como é galante
o botão que a rosa tem!...
Muito escondido, o tratante,
aqui nas folhas da mãe!

Olha, vê? Todo côrado,
só porque lhe puz a mão!...
Eu acho muito engraçado
este pequeno botão!...

—Pois muito bem, minha filha;
dá-me a mim sómente a flor,
Espera, eu faço a partilha...
Mas tu choras, meu amor?!

—Mamã, não cortes. O que ha de
ser do filho sem a mãe!...
—E ella sem elle... é verdade...
Filha, filha, dizes bem.

E chora e beija a creança
e une-a muito, n'uito a si...
Ella então solta-lhe a frança
e cobre-se toda alli.

Depois por entre uns risitos,
especte de pipillar,
que lembrava os passarios
quando os paes voltam do ar,

Diz, e ainda lacrimosa
riu-se a mãe a ouvir-então
«Mamã, tu fazes de rosa
e eu ci estou como o botão.»

Abril — 1885.

FERNANDO CALDEIRA.

N'uma soirée:
Um dos musicos dirige-se ao dono da casa e diz-lhe:
— Saiba V. Ex.ª que o violino em que vou tocar tem mais de 100 annos!
— Isso não tem duvida. Ha-de servir, porque ninguém dará pela differença.

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILUSTRADA

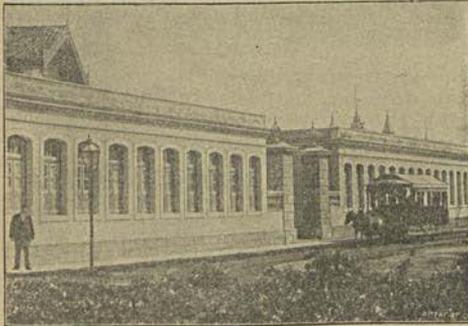
Acba-se publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 33\$000 réis, enc. 40\$000 réis. Assinatura permanente.—Publicação de uma caderneta mensal ao preço de 3\$000 réis franco de porte.

EDITORES: **LEMOS & C.º** successores
Largo de S. Domingos, 65. — PORTO
AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.º — Rua da Quitanda, 38
Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim
CAPITAL DO ESTADO DE GOYAZ

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Leito da Escola Medico-Cirurgica do Porto
Com a collaboração effective de dr. Adriano Antheiro de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferrer de Silva, D. Antonio Barros, A. A. Costa Ferreira, Bento Carreira, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Eduino Sequeira, Ernesto Maia, Firmião Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Flinto, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambezes, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Quetel Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentim de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.



PERNANBUCO PENSÃO DERBY

Hotel instalado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudáveis de Pernambuco.

60 salas e quartos. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio, etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ e RODRIGUEZ

Endereço telegraphico—DARBY Casas ao correio n.º 193. O Band do Derby passa p'ra da P. do.

Livros modernos **FÉLIX & SILVA**

PARA — R. Cons.º João Alfredo, 33

Livros modernos

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc

PREFECENÇA DE ESCRITORIO

Preços sem competencia

Endereço telegraphico Moderna

BRASIL-PORTUGAL

Numero commemorativo do 4.º centenario do Brasil

A venda na redacção do
"BRASIL-PORTUGAL"

Rua do Carmo, 15



Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas



Para fazer Boa Cozinha
E preciso
boa manteiga pura

USE

Manteiga Burnay

A venda
em todas as prin-
cipaes mercearias
de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

235, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.º — R. da Prata, 282 a 288, Lisboa.
Jerynymo Martins & F.º — R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
José Affonso Vianna & C.º — Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
R. D. de Campos — R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
Alves Diniz, Irmãos & C.º — R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.
Seb. Corrêa Saraiva Lima — R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Mod.ª e Confecções
Com atelier de vestidos e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa

Casa Fundada em 1886

JOSÉ MENDES LEITE & C.

DEPÓSITO DE INSTRUMENTOS DE MÚZICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

DE INSTRUMENTOS DE MÚZICA

Instrumentos de Musica

na C

Accessorios para os mesmos

no SINESE

UNICA CASA DE CONFIANÇA

Especialidade
em cordões para violão,
taboas e violas

Endereço telegraphico

«Mendes»

Casa no correio

N.º 455



Registrada por despacho da Meritissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

José Mendes Leite & C.º

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA



RELOJOARIA
→ E JOELHERIA

Completo sortimento
DE
RELOGIOS E JOIAS
Com ou sem brilhantes

↔
Especialidade
em artigos

DE
PARIS

Para homens e senhoras

F. A. MOREIRA & C.^A

R. DO OUVIDOR, 67-A

(Canto da Rua Nova do Ouvidor)

RIO DE JANEIRO



NOVOS RELOGIOS REMOITORS

Com mostradores luminosos nos quaes se vê as horas ás escuras

Diplomas e medalhas: Exposições de Genova 1874, Bruxellas 1876, Paris, 1900

N.º	Modelo	Preço	Meda
1.º	Relógio Remontoir, mostrador luminoso, muito solido e elegante, caixa em aço, fechando hermeticamente, reservado à poeira, excellent andamento, cylindro ó rubia curvado, tamanho 18 linhas	30000	12000
2.º	Idem, com uma caixa forte em prata	50000	25000
3.º	Idem, em ouro	34000	17000
4.º	Relógio Remontoir, para senhora, 18 linhas, muito elegante, caixa em aço	25000	12000
5.º	Idem, em prata	20000	10000
6.º	Idem, em ouro	30000	15000
7.º	Relógio Remontoir, Bussola, alta novidade, formando relógio e Bussola ao mesmo tempo, mostrador luminoso, tendo no mostrador la-busola gravada a carta geographica de Portugal ou do Brasil, Africa, ou de outros, para facilitar a tomar interesse a orientação, tam-bém 18 linhas, excellent andamento, especialidade para militares, ca-çadores, viajantes, engenheiros, com caixa de níquel	50000	25000
	Idem, em prata	40000	20000
	Idem, em ouro	30000	15000

Para encomenda de 6 relógios faz-se o desconto de 10 %. Expedição para Portugal contra vale do correio, incluindo de franquia, para o Brasil contra cheque bancario, incluindo de franquia.
Expede-se toda a qualidade de relógios por encomenda, sejam chro-nometros, com boletins de observatorio, chronographs, relógios de repe-tição com quartos e minutos, padometers, etc.

P. A. JOANNOT, FABRICANTE DE RELOGIOS

FUNDADO EM 1847

GENOVA (Suíssa)

USO INTERNO E EXTERNO

INFALLIVEL - INOFFENSIVO - AGRADAVEL

AS PURGAÇÕES

E O Seu Especifico **BLENOL** Blennorrhicida

GUERRA AS INECCOES E AS CAPSULAS

O BLENOL é um verdadeiro specifico das inecções das mucosas, nos homens ou nas senhores, e o unico tanto genero que tem, acrecendo ser adoptado pelas autoridades medicas, não só por ser completamente inoffensivo como pelas suas maravilhosas e tem, preferido.
Cura todas as inflamações do correntino por mais antigas e de qualquer especie; E' me-ricioso e facil os preparatos de mancha, de espezilha ou de rubinho, porque é inoffensivo, não afecção, ou tira nem a bexiga e não exige dieta; E o unico remedio effez nas Blennorrhagias, Gonorrhoeas, Estreitamentos, Catarrhos da bexiga, etc, etc.

DOENÇAS DAS SENHORAS

A Leucorrhoea (Duro branco), a Metris chronica (Inflamação do utero), a Vaginite, o Catarrho da bexiga, a Enterite, Catarrho intestinal, ou qualquer inflamação do correntino das mucosas, por mais antigas, curam-se com o seu genero BLENOL.
HENRIQUE E. N. SANTOS, PHARMACEUTICO, COIMBRA (PORTUGAL).
VENDE-SE NAS PRINCIPAES PHARMACIAS.

INSTRUCCOES EM PORTUGUEZ, FRANCEZ, INGLEZ E ITALIANO

USO INTERNO E EXTERNO

CANDIGIROS

← Em todos os generos →

Canalizações para agua e gas



Tubos de chumbo,
borracha, lona, latão e ferro.
Louça de ferro esmaltado.
Retretes de varios systems
Objectos
proprios para brindes



Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO

DO

"BRASIL-PORTUGAL"

Para 1901

Vende-se em todas as livrarias e na
RUA DO CARMO, 15, 1.º

REVISTA INDUSTRIAL E MERCANTIL ESTADO DE PERNAMBUCO

PUBLICAÇÃO DE INFORMAÇÕES PRATICAS

Indispensavel nos Commerciantes, Industriaes e outras classes da Sociedade, pois condensa em suas 120 paginas de texto, mensalmente, todas as informações necessarias ao Importador e Exportador além dos annuncios e indicações uteis.
Circular largamente em todos os Estados do Brasil com o auxilium imprescindivel nas relações officiaes sendo a unica Revista em que se encontra publicada na integra e annotada a Tarifa das Alfandegas, e todas as decisões sobre impostos, leis de sello, Regulamentos, artigos sobre finanças, agricultura, industrias e completas informações necessarias á pratica de todos os negocios.

Assigna-se em Lisboa no escriptorio do

"BRASIL-PORTUGAL" onde pôde ser consultada

Preço annual..... 10\$000 fortes

REDACITOR-CHEFE - A. DE SOUSA FIRTO | EDITOR-PROPRETARIO - I. NERY DA FONSECA

34 - RUA DO BOM JESUS - 36

Recife - Pernambuco - Brasil



VINHOS VELHOS
LEGÍTIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

Londres, 1862; Boston, 1893 e Paris 1889 e 1878

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA

MARCA DE COMÉRCIO

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e autênticos, quando tiverem nos rotulos, capatazes, rolinhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites
Portuguezes

ENDER. TELEGR. — Aida

C. de Carreio 312

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geraes e do Estado, terrenos, acções de Bancos e Companhias, Cambios, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas como caes, particulares e em sua agencia

á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

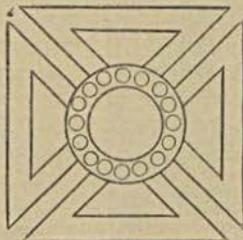
(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 346

Fabrica S. Gonçalo

E. DE ANDRADE & C.ª

Chumbo
de
caça



Chumbo
de
caça

QUALIDADE SUPERIOR

Dureza
Perfeição
Egualdade

O MELHOR QUE EXISTE NO MERCADO

Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 735

Ender. telegr. SATURNO — RIO

18, R. de S. Pedro, 18

RIO DE JANEIRO

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARÁ

Montenegro Ferreira & C.ª

Sucessores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.ª

Fundada em 1830, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANÁOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhos de Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrae o Vinho Ventura, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencias, nas digestões difficéis, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janelas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a installar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MASEIRO

Elixir Anti-Epidermico Beirão

Approvado pela Inspectoria de Hygiene
do PARÁ

Preservativo e curativo da febre amarella, cholera, febres intermitentes, bexigas, typho, dysenteria, béríberi e influenza

Nenhum viajante e todos os que comprehendem a necessidade da conservação da saúde pelos meios hygienicos, e antisepticos devem internar-se nas florestas ou percorrer as regiões inexploradas em grande parte miasmáticas, sem munir-se de alguns vidrinhos, do Elixir anti-epidermico Beirão, é a mais segura garantia da conservação da vida e da saúde: levam consigo a certeza de regressarem milagrosamente salvos ao seio da familia, o que infelizmente não acontece a centenas de imprudentes que não tomam esta acertada e simples medida preventiva. As pessoas adultas que no estado de boa saúde tomarem todas as manhãs e todas as noites uma colher de sopa do Elixir anti-epidermico Beirão estão isentas das graves molestias endemicas produzidas pelos fermentos miasmáticos, e particularmente das febres intermitentes, febre amarella, bexigas, cholera asiatico, vomito preto, typho dysenteria, pustula maligna, escaur latina, eroup, béríberi e influenza.

Indispensavel aos recém-chegados, deposito

DROGARIA BEIRÃO

DE
CARVALHO LEITE & C.^a

103, Rua do Conselheiro João Alfredo, 103—PARÁ



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da dívida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

V.ª WENCESLAU GUIMARAES & C.^a

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

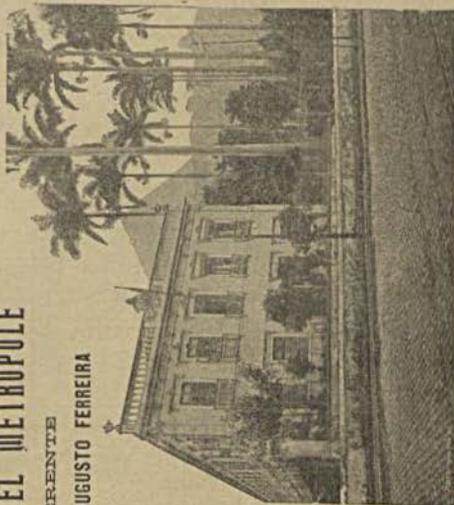
LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé. 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 3 1/2, e commissão de 1/2 1/2, de 1 a 9 annos. Depósitos acceptam-se a prazo ou á ordem, vencendo a 1/2, á ordem e 3 1/2, ao prazo de 3 mezes; 3 1/2, á 6 e 4 1/2, ao anno. Propriedades: a Companhia tem suas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo, agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



ALBINO JOSÉ BAPTISTA—LISBOA—O 29 de Rua Nova de Almeida tem a honra grande sortimento de chapéus para sul e norte, em todas as qualidades, assim como bengalas, seque, perfumarias e artigos de modéstia. Em caso de primeira e segunda classe em servir bem e por pouco dinheiro.

Nenhum viajante deve deixar de visitar este estabelecimento em Lisboa.



GRANDE HOTEL METROPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

MAIOR da capital, construido de accordo com o clima do paiz e situação das faldas do Corcovado.

Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO

COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Paquebots post français
LIGNA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.
Para passageiros de 2.^a classe trata-se com José Antonio dos Santos & C.^a, Praça dos Remoladores.
Para carga, passageiros e todas as informações, trata-se na agência da Companhia, Rua Aurora, 33.
Compagnie des Messageries Maritimes
Soc. Torlonia.

VINHOS DO PORTO
Marca registrada
Santos J.^{os}
Porto
Casa fundada em 1872
R. Pinto Santos Junior & Comp.^a

Premiada com os primeiros prêmios em todas as exposições.

CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA
DE
SUAS Magestades e Altezas
CONSULTORIO
R. do Arsenal, 100, 1.^o LISBOA

CERA MANUFACTURADA
Rua de Santa Martha, 14.^a
ANTIGA CASA NOGUEIRA DE SOUSA
SUCCESSOR
LUIZ MIGUEL FURTADO
Desempenha qualquer encomenda com promptidão tanto para o reino como para o Brasil

BILHARES ARTISTICOS PRIVILEGIADOS
Unicos guarnecidos com a celebre tabella SOUVERAINE
Fornecedor da Casa Real acce sotio da casa ST. MARTIN, de Paris.
A maior fabrica de BILHARES do mundo
Grande sortimento de pianos de 4 até 90 libras
Unicos depositos em Portugal dos celebres pianos de F. WEBER de Berlim.
ANTONIO J. P. SAMPAIO
Largo da Graça, 114, 115 e 116-A—Officinas-Travessa do Monte-LISBOA

Atelier-Photo-Chimico-Graphico
P. MARINHO & C.^a—Rua de S. Paulo, 216, 2.^o—LISBOA
NUMERO TELEPHONICO 828

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos de paiz, em todos os trabalhos.
Execução perfeita.

JOÃO BASTOS & C.^{TA}
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
LISBOA—Rua da Prata, 14, 1.^o

PROVAE OS DELICIOSOS
VINHOS DO PORTO
DE
Constançino Almeida



COMPANHIA PHENIX PERNAMBUCANA
(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)
FUNDADA EM 1870
DIRECTORIA
Dr. Manoel Gomes Malta
Joaquim Dias Fernandes
Luiz Dupret
SÉDE: RECIFE—RUA DO COMMERCIO, 46
PERNAMBUCO

Ao Bazar da Industria
TAVEIRA BARBOZA & C.^a
L. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.^o 487—BRASIL—PARÁ
Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelerias, livros em branco, chapéus, harmonicas, cordas para violão. Esboços. Caixas de musica. Roupa feita, perfumarias, brinquedos. Cenas de viagem, bilhetes, artigos para presentes.
GRAND RAYON DE BIJOUXES
O systema de vender todo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria.
Vendas por atacado e a retalho

LA UNION Y EL PERU ESPAÑOL
Capital social 8.000.000.000 rs.
15.480.000.000 REIS
De constituição por decreto de 1884, até 1895
FIERRE E HERVIERA E SOCIEDADE
Agencia com o capital, capital de 200
Egipcian Atlântico & Uniao Maritima
Sociedade de transportes, no qual se incluem todos os ramos de transportes de passageiros e mercaderias.
DIRECCION.—Lima Mayor A. Plaza
LISBOA.—Rua de Prata, 84, 2.^a

LA BÉCARRE
F. CARNEIRO & C.^a
PAPELARIA E TYPOGRAPHIA
Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Perifoneos de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.
Rua Nova do Almada, 47 e 49—LISBOA.

HOTEL DURAND
English Hotel—Lisboa
7, Rua das Flores—Largo da Quintella
Este hotel, situado no ponto mais central da cidade, oferece todas as condições de uma casa de primeira ordem.

GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

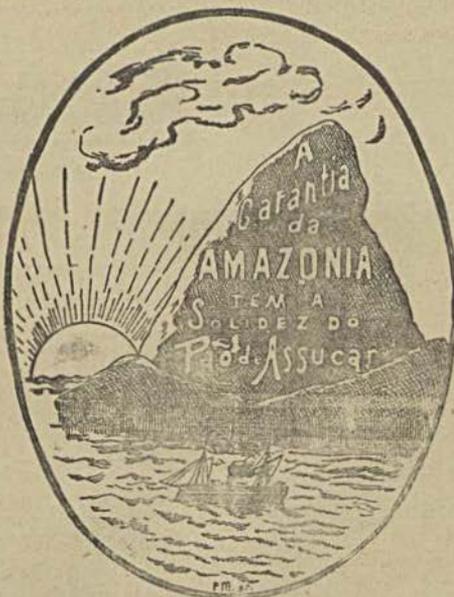
Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263:000\$000

Seguros realçados em vigor.....	50.297:000\$000	↑	Reserva de re-reguro	2.001:265\$377
Novos seguros propostos em 1899	24.451:000\$000	↑	Sobras-Garantia suplementar	491:282\$804
Seguros aceltes em 1899.....	20.895:000\$000	↑	Valor actual sobre o valor nominal de titu-	
Propostas para seguros recusadas em 1899	3.556:000\$000		los e predios que possui.....	200:000\$000
Renda em 1899	3.428:548\$128	↑	Sinistros pagos até esta data.....	1.028:000\$000

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

"Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correcção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encomio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a atenção para o facto de que:

"Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço".

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitales mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL

JOSE SILVA & -C.^A

Casa fundada em 1879

PREMIADA EM TODAS
AS EXPOSIÇÕES



Casa matriz—RIO

CASA FILIAL

Rua Florencio d'Abreu, 34

S PAULO



Casa matriz e fabrica

RUA DA QUITANDA, 123 A

R. de S. Pedro

31, 32 e 42

RIO DE JANEIRO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro com oficinas
para fabrico
de arreios de qualquer qualidade



COUROS, ARREIOS E ARTIGOS
PARA VIAGEM



Importação de couros,
e de todos
os artigos para selleiros,
correeiros, segeiros
e sapateiros

